Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias\*

José Maria Carvalho Ferreira\*\*

Para mim, escrever sobre a vida e a obra de Edgar Rodrigues, trata-se de uma questão de amizade, gratidão e admiração. No meu caso específico esse fato decorre, fundamentalmente, de três aspetos cruciais. Em primeiro lugar mantive com Edgar Rodrigues uma amizade única mesclada pelas vicissitudes ideológicas do anarquismo no Brasil e em Portugal. Os conflitos e as contradições emergiram com relativa acuidade, dando azo a uma situação de solidariedade profunda entre ele e eu próprio, desde inícios da década de 80 do século XX até à sua morte em 14 de Maio de 2009. Com esta análise pretendo somente demonstrar que a minha análise sobre Edgar Rodrigues está submersa de subjetividade.

Em segundo lugar, há que realçar o trabalho gigantesco que foi elaborado por Edgar Rodrigues em relação ao número de livros e artigos que publicou. Não obstante sabermos que alguns dos livros publicados tinham um carater repetitivo, a sua complexidade analítica sócio-histórica implica, para os vindouros, um estudo prévio e profundo das fontes que lhes deram conteúdo e forma. É evidente que muitos desses livros dão-nos imensas informações relevantes para a história do movimento social operário no Brasil e em Portugal, mas também do sindicalismo e do anarquismo.

Em terceiro lugar, há que ter presente o autodidatismo e a militância anarquista de Edgar Rodrigues fora dos meios académicas. Para ele não interessava a perfeição formal do ato de escrever e analisar em termos científicos, como é apanágio no meio universitário, mas sobretudo divulgar e desenterrar a ação coletiva dos oprimidos e explorados que tentaram, historicamente, desbravar o terreno da emancipação social. Tratava-se, no fundo, de resgatar a história social dos vencidos de ontem e enformar o presente e o futuro da palavra do anarquismo conducente à emancipação social.

Em função do exposto, este meu artigo será estruturado do seguinte modo: 1) O processo de aculturação de Edgar Rodrigues em Portugal; 2) A ascensão social e a luta pelo anarquismo no Brasil; 3) Considerações finais.

1. **O processo de aculturação de Edgar Rodrigues em Portugal**

António Francisco Correia (mais tarde na década de 1950 assumiu o pseudónimo de Edgar Rodrigues no Brasil) nasceu em 12 de Março de 1921 na aldeia de Angeiras/Lavras, concelho de Matosinhos, região norte de Portugal. Era filho de Manuel Francisco Correia e Albina da Silva Santos.

Contextualizando historicamente a sua situação económica, política, social e cultural pode-se inferir da natureza da sua escolarização, como também das dificuldades da sua sobrevivência económica e social no meio familiar.

O pai de António Francisco Correia trabalhava nas docas do porto de Leixões e a mãe, embora trabalhasse como doméstica, era de origem camponesa. Por outro lado, seu pai era um militante anarco-sindicalista muito ativo no Sindicato das Quarto Artes, constituído por vários ofícios da construção civil do concelho de Matosinhos. A mãe como era habitual nas famílias portuguesa pobres limitava-se a cuidar da lida da casa e dos filhos. As múltiplas adversidades desta realidade permitiu que António Francisco Correia se apercebesse, desde muito novo, das injustiças e da desigualdade social existentes em Portugal. Esta perceção é drasticamente desenvolvida com a eclosão do golpe de Estado fascista em 28 de Maio de 1926. Na altura, António Francisco Correia tinha cinco anos, dois meses e dezasseis dias..

Embora, ainda, muito jovem, tste acontecimento histórico teve enormes repercussões no pensamento e na ação de António Francisco Correia, como consequência da vida de militante anarco-sindicalista de seu pai . Desde logo o novo regime político tentou cercear qualquer tipo de acão individual e coletiva que se orientasse no sentido da emancipação social. Neste contexto, a ação dos sindicatos que seguiam uma orientação anarco-sindicalista e estavam integrados na CGT(Confederação Geral do Trabalho) tiveram extrema dificuldade em construir as suas lutas e reivindicações, acontecendo o mesmo à sua imprensa e escolas libertárias. Mais tarde, essas atividades foram, pura e simplesmente, banidas com a Constituição de 1933. Face a esta realidade, a sobrevivência da família de António Francisco Correia torna-se, cada vez mais, difícil pela manutenção do salário de seu pai e por condicionalismos de ação deste último no meio sindical anarco-sindicalista.

Entretanto, nos finais da década de 1920, António Gonçalves Correia ingressa na escola primária. Foi um passo importante na sua educação e no acesso ao conhecimento e informação, na medida em que teve oportunidade de conviver e aprender com um grande pedagogo: professor Raúl Manuel Gonçalves. Como este era um democrata e um livre-pensador, opinava livremente no sentido da defesa das ideias e práticas anarquistas. Esse fato traduziu-se numa influência pedagógica importantíssima sobre António Francisco Correia, não obstante o controle ideológico e político da ditadura fascista já se ter alargado ao sistema educativo português.

A conjugação dos fatores que enunciei traduziu-se num processo de aculturação, muito específico, para António Francisco Correia. Ainda muito jovem, juntamente com o seu irmão Manuel Correia e outros companheiros, participavam em reuniões clandestinas do sindicato em que seu pai estava filiado e, por outro lado, distribuíam propaganda na região de Matosinhos e Porto. Havia, da sua parte, uma predisposição e motivação comportamental muito singular, lendo todos os livros que podia, ao ponto de muitos deles poderem serem, integralmente, copiados à mão. A razão deste fato reside na inexistência de dinheiro na sua família para os comprar.

A primeira condição-função que nos pode aproximar da probabilidade de António Francisco Correia evoluir para uma ideologia anarquista ou ter uma capacidade para escrever é-nos facultada por uma carta que escreve ao prisioneiro anarquista Luis Portela, quando tinha onze anos e dezoito dias (1):

*“Pamp., 30 de Março de 1932 – Prezado amigo: Logo que tive conhecimento da sua prisão, procurei indagar do teu paradeiro. Como vivo afastado da cidade, só o consegui quando me veio às mãos a tua carta. Lamento a tua situação. Mas fica certo de que nós trabalharemos por ti. É necessário que indiques os nomes dos salteadores da tua e da nossa liberdade, os nomes desses sórdidos rafeiros ao serviço da tirania que asfixia o povo. Quanto a nós, o autêntico povo, não nos deixaremos ludibriar pelas artimanhas, nem tampouco pela violência de tais rafeiros. Podes, em vez de “beijos”, dizer abertamente que te espancaram, que nós já conhecemos os hábitos dos esbirros da P. V. D. E. (Policia de Vigilância e Defesa do Estado). Diz-nos qual o crime de que te acusam, para que fique bem claro entre nós. Por grave que seja não temos sequer aproximação com atos de “bondade” gratificados pela cega justiça da P.V.D:E., que não poupa velhos nem novos, a todos espancando barbaramente, a ponto de mutilar e cegar as suas vítimas. De um pobre-diabo sei eu que, andando a apascentar ovelhas, encontrou numa bouça um maço de papéis, que se verificou depois serem manifestos comunistas. Pois apesar do pobre nem sequer saber ler, a Polícia prendeu-o e, passado algum tempo, devolveu-o à liberdade, mas com o braço quebrado de tanto torcê-lo num torniquete para arrancar-lhe absurda confissão. Este e muitos outros constituem a enorme legião das vítimas do Estado Novo, que um dia hão-de julgar os seus algozes.*

*Agradeço-te a nova letra, que não conhecia de “A Portuguesa”, e em troca envio-te o seguinte poema de Tomás da Fonseca. (Zola – pseudónimo de António Francisco Correia)”*

Esta incursão de solidariedade de António Francisco Correia para com Luis Portela foi mantida até finais da década de 1940, não obstante este último ter passado o maior tempo da sua vida na prisão. Com o advento da constituição fascista de 1933, o regime de Salazar instaura um clima de terror policial e ideológico junto dos sindicatos que não professavam os objetivos dos sindicatos nacionais de ideologia fscista. Como consequência, a totalidade das sedes dos sindicatos anarco-sindicalistas aderentes à CGT foram encerradas, assim como os seus órgãos de imprensa. O exemplo do jornal “A Batalha”, porta-voz, da CGT, é bastante significativo. Sendo um jornal diário perdurou desde 1919 até ao golpe de Estado de 28 de Maio de 1926 . Já antes a situação dos sindicatos era difícil, mas depois de 1933 a repressão ideológica e política desenvolve-se de forma abrupta, ao ponto de tornar insustentável qualquer ação reivindicativa ou sequer qualquer veleidade de mudança social.

Para os militantes da CGT, as dificuldades de reunir-se avolumaram-se. Nestas circunstâncias, sendo um militante ativo da CGT, era na casa do pai de António Francisco Correia que se realizavam as reuniões clandestinas do “Sindicato das Quarto Artes”. Todo o espólio (livros, jornais, panfletos, atas, mobília, estantes, material de escritório, etc..) deste sindicato estava sedeado na casa de Manuel Francisco Correia. Até à prisão do pai, em finais de 1936, no Porto, António Francisco Correia, com seu irmão Manuel Correia e outros companheiros realizaram muitas reuniões de incidência libertária e sindical. No entanto, a identidade com a fragilidade existencial da central sindical nacional (CGT), influenciou, notoriamente, a discussão para reflexões e ações identificadas com os princípios e as práticas do anarco-sindicalismo.

Em função das prisões e dos condicionalismos impostos pela constituição fascista de 1933, os dirigentes da CGT não cruzaram os braços, e elaboravam uma estratégia conducente à realização de uma greve geral insurrecional a nível nacional, no dia 18 de Janeiro de 1934, com o intuito de derrubar o governo de Salazar. Na medida em que todos os trabalhadores assalariados foram estimulados para intervir nessa ação revolucionária, para além da CGT, a Comissão Inter-Sindical também participou nesse evento histórico. É interessante sublinhar que esta central sindical pertencia à Internacional Sindical Vermelha criada em 1921. Por outro lado, era uma correia de transmissão dos desígnios políticos e ideológicos do PCP (Partido Comunista Português) também criado em 1921. Este também fazia parte da III Internacional Comunista sedeada em Moscovo.

Ironia do destino. No caso português, na sua grande maioria, essas organizações foram criadas por anarquistas. Não admira, assim, que não obstante os conflitos subsistentes entre a CGT e a Comissão Inter-Sindical, militantes desta central sindical tenham participado também na greva geral insurrecional de 18 de Janeiro de 1934. A falta de coordenação entre os diferentes entes participantes fez com que a greve geral insurrecional tivesse sido abortada, não obstante em alguns pontos do país emergissem alguns focos de resistência contra a repressão policial e militar. Neste aspeto, a sublevação na vila de Marinha Grande revelou-se um caso exemplar. Em relação a este acontecimento histórico, após ter-se conhecido o seu epílogo, é interessante verificar que o PCP tivesse denominado essa tentativa insurrecional de “anarqueirada”.

António Francisco Correia viveu todos este episódio através do ambiente familiar centrado na ação de seu pai. Entre os onze anos e quinze anos a sua motivação estava focada na leitura de obras de autores anarquistas e de obras literárias identificadas com a emancipação social. Pese embora só tivesse quinze anos, o percurso militante de António Francisco Correia amadurece e radicaliza-se, fortemente, com a prisão do pai em finais de 1936. Apesar de estar só 10 meses numa prisão do Porto, isso não obstou a que fizesse uma de visitas ao pai na situação de prisioneiro. A revolta tornou-se fluída perante a inexistência de justiça e liberdade em Portugal. Seu pai entra no desemprego. As dificuldades económicas e sociais da família de Manuel Francisco Correia e Albina da Silva Santos acentuam-se de forma inesperada. Para António Francisco Correia as necessidades de desenvolver uma luta revolucionária contra o regime de Salazar acentuou-se.

Esta necessidade, no entanto, esbarrava com a incapacidade histórica da CGT em liderar o movimento social operário português no sentido da revolução social. A demonstração inequívoca desse fato residia, por um lado, no efeito negativo da fascização dos sindicatos nacionais. Por outro, a derrota histórica da greve geral insurrecional de 18 de Janeiro de 1934 deixou o proletariado português de joelhos face ao fascismo e ao desenvolvimento do capitalismo no espaço geográfico português.

Perante esta dificuldade em lutar, com proficiência, contra o regime fascista de Salazar, a GGT, e os anarquistas em geral, envidam esforços solidários no apoio à revolução social em Espanha. Nesse sentido vários militantes anarquistas portugueses integraram as milícias militares da CNT e outros militam na FAI (Federação Anarquista Ibérica). Por outro lado, outros colaboravam nos órgãos da imprensa anarquista espanhola e, ainda, participam nos sindicatos e cooperativas sob a égide da CNT. Em Portugal foram criados dispositivos revolucionários de diferente tipo, sobretudo de auxílio a militantes revolucionários que fugiam do regime franquista e eram perseguidos pela PIDE em Portugal. Importa sublinhar que algumas ações de solidariedade relativas à fuga de militantes anarquistas do teatro de guerra civil em Espanha através de Portugal foram organizadas pela FARP (Federação Anarquista da Região Portuguesa) e FAPE (Federação Anarquista de Portugueses Exilados).

Não obstante essa solidariedade ativa da CGT para com a CNT e a FAI, em paralelo, verificava-se uma situação de impotência nas lutas a desenvolver contra o regime de Salazar. Essa realidade não somente se constatava na solidariedade com a revolução social em Espanha, mas sobretudo na incapacidade manifestada em destruir a solidariedade que Salazar mantinha com Franco. Para alguns militantes anarco-sindicalistas da CGT esta situação tornou-se insuportável, razão pela qual tenham recorrido ao lançamento de um bomba no intuito de provocar a morte de Salazar. No fundo, para estes militantes só com um método de ação violenta havia hipóteses de desmoronar o regime fascista de Salazar e, consequentemente, apoiar a revolução social em Espanha de modo eficaz. Em abono da verdade, diga-se que Emídio Santana, anarco-sindicalista, foi um dos militantes mais ativos no atentado a Salazar, em 4 de Julho de 1937. Embora em menor número, não podemos ignorar que esta ação teve a participação de militantes comunistas.

Todo este contexto sócio-histórico foi vivido por António Francisco Correia com base numa multiplicidade de condicionalismos na sua ação de militante anarquista, razão pela qual se remetesse à realização de leituras, reflexões e difusão de propaganda anarquista. A correspondência que manteve com o prisioneiro anarquista Luís Portela perdurou entre 1932 e 1937. Essa correspondência dá-nos já uma pequena imagem da maturidade intelectual e revolucionário de António Francisco Correia, quando tinha dezasseis anos e cinco meses (2):

*“Pamp., Agosto de 1937 – Caros camaradas: Saúde e Anarquia! Depois de longo tempo sem resposta vossa, resolvi escrever-vos para saber o que se passa convosco e, ao mesmo tempo, transmitir-vos as nossas notícias. Eis as mais importantes: No dia 4 de Julho, alguns camaradas atentaram contra a vida de Salazar, infelizmente sem resultado. O facínora salvou-se por pouco, mas salvou-se, para a nossa desgraça. A Polícia fareja por todos os lados, mas, felizmente, até hoje não logrou prender nenhum dos autores do atentado. Não se para aí, se para o Tarrafal, seguem sessenta marinheiros dos que escaparam da mortandade no Tejo. O Salazar preparava-se para mandar alguns navios-de-guerra portugueses para as costas de Espanha a fim de auxiliar o Franco a estabelecer um regime fascista no vizinho país. A marinhagem , em cujo seio sempre progrediram as nossas ideias, revoltou-se, mas foi atraiçoada. Alguns navios foram metralhados no Tejo, e os marinheiros que tentaram salvar-se a nado eram metralhados dentro da água (\*). Os poucos sobreviventes foram condenados a deportação. Os sabujos da P.I.D.E. (Polícia Internacional de Defesa do Estado), como feras, farejam, por todos os lados, excitados pela “Rádio Fantasma”, que diariamente ameaça Salazar.*

*Nos dias 11, 12 e 13 de Junho, realizou-se mais um congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T.), cujo principal objetivo consistia em apreciar os acontecimentos da Revolução Espanhola. Depois de longas apreciações e explicações dadas pelo secretariado da A.I.T. e pelos delegados da C.N.T., foi aprovada uma definição de pontos-de-vista vasada nos seguintes termos:*

*“1º) Os acontecimentos de Barcelona, desencadeados pelos moscovitários contra os anarquistas, vários dos quais foram traiçoeiramente fuzilados por aqueles, visavam o aniquilamento dos militantes da C.N.T. e F.A.I., com o objetivo de estrangular a Revolução Social. 2º) Tal ação vinha sendo preparada pelos governos de Valência e Barcelona, na ausência dos militantes anarquistas, que colaboravam com esse governo, como conselheiros de guerra. Esta manobra era dirigida pelos bolchevistas às ordens de Moscovo. 3º) Tal plano tem um caráter internacional e serve os interesses político-capitalistas anglo-americano-russos, interesses que a diplomacia dos respetivos países procura camuflar com o pacto de não-intervenção. 4º) A\ mediação, recusada pelo governo de Valência, tende a uma paz covarde, isto pelo lado dos governos , mas, quando a Revolução Espanhola , tem um alcance muito mais profundo. 5º) Em face disto, é dever do proletariado organizado desencadear a revolução mundial , que há-de trazer aos povos uma nova vida social, baseada na paz e na justiça há tanto ansiadas. Esta, pois, deve ser a preocupação dominante e essencial da C.N.T. 6º) A admiração pelo valor invencível das massas operárias e camponesas da Espanha, e muito especialmente da C.N.T., permanece intacta, apesar de todas as vicissitudes duma luta desigual. 7º) A solidariedade do proletariado internacional a C.N.T. continua inquebrantável, suceda o que suceder”.*

Quando ainda tinha dezasseis anos, António Francisco Correia, após ter concluído a instrução primária, resolve seguir a sua escolarização numa escola particular no Porto. A sua vontade de aprender era inabalável. Como não tinha dinheiro para custear os estudos, trabalhou de dia como servente de pedreiro e estudava de noite.

 O grau escolarização que obteve era fundamental para a consecução dos objetivos que pretendia: aprofundar as bases de leitura e de escrita que envolviam a sua condição-função de militante do anarco-sindicalismo e, por outro lado, estimular a formação de competências profissionais que lhe permitissem trabalhar no setor da construção civil.

 Com o fim da revolução espanhola, em 1939, consumou-se a pretensão de realizar a revolução social identificada com a CNT e a FAI. Em sintonia com esta situação adversa, a CGT portuguesa estava totalmente desmantelada nos seus propósitos de luta contra o salazarismo. Nestas condições, os militantes anarco-sindicalistas que ainda restavam limitavam-se a promover atos simbólicos de propaganda anarquista contra o regime de Salazar, ou então promoviam ações de solidariedade junto daqueles que estavam presos e manietados nas prisões do Tarrafal (Cabo Verde) e de Angra do Heroísmo (Açores).

 Em função do exposto, com a idade de dezoito anos, um mês e dezanove dias, António Francisco Correia, conjuntamente com Fernando Costa, Fernando Neves, Agostinho Gonçalves, Manuel Correia (irmão de António Francisco Correia), Fernando do “Madalena”, Armindo Sarilho (primo de António Francisco Correia), Manuel Correia (pai de António Francisco Correia), Augusto Godinho, José Augusto de Castro, Júlio Gonçalves Pereira e Joaquim Moreira da Silva comemoraram o 1º de Maio de 1939 de uma forma muito genuína. Para além de não comparecerem nos seus locais de trabalho, fizeram um circuito ciclista passando por Braga, Ponte de Lima e Viana do Castelo. Como era proibido qualquer tipo de manifestação simbólica correlacionada como o acontecimentos histórico de 1886 em Chicago, comemorar o 1º de Maio deste modo foi a única maneira destes militantes anarco-sindicalistas expressar a sua revolta contra a ditadura salazarista e demonstrarem que estavam vivos (3).

 A amizade entre estes companheiros de António Francisco Correia era muito grande, ao ponto de participarem em várias atividades culturais em grupos de teatro e bibliotecas. Entre outras, um dos exemplos dessas atividades foi o estudo do esperanto. António Francisco Correia foi um grande entusiasta dessa língua, sendo para o efeito acompanhada por Fernando Costa, Abel Silva e Fernando Neves. Este último também emigrou para o Brasil e foi sempre um companheiro que esteve sempre, até à sua morte, ao lado de António Francisco Correia. A universalidade comunicacional que se pretendia com o desenvolvimento do esperanto, na altura, tinha uma importância vital para as aspirações revolucionárias do proletariado mundial.

 No caso específico da integração de António Francisco Correia no mundo teatral amador, isso ocorre quando tinha dezoito anos, onze meses e onze dias. Para o efeito, inscreve-se, pela primeira vez, em 1 de Marco de 1940 no Grupo Dramático Flor da Mocidade, sedeado em Santa Cruz, concelho de Matosinhos. Para além de participar nas atividades teatrais teve também a possibilidade de conhecer Ondina dos Anjos da Costa Santos, com a qual casou em Agosto de 1941. Posteriormente ingressou no Grupo de Dramático Alegres da Perafita, tendo até assumido funções de vice-presidente da direção. No sentido de estimular hábitos de leitura, neste grupo de teatro, organizou concursos anuais, com prémios para quem lê-se mais, ao mesmo que se realizavam piqueniques e excursões para localidades mais próximas (4).

 Ao perfazer vinte e um anos e sete meses, António Francisco Correia ingressa no serviço militar obrigatório. Primeiro fez serviço militar no Regimento de Engenharia do Porto. De seguida foi destacado para a Escola Prática de Engenharia sedeada em Tancos. Foi uma estadia nas casernas militares que perdurou entre Outubro de 1942 e Novembro de 1943. Nesse período, entretanto, nasceu Oscar Zola, o seu primeiro filho, em 26 de Agosto de 1043. Para além da obrigação imperativa do regime de Salazar para que todos os homens cumprissem o serviço militar, o fato de António Francisco Correia ter aceite as condições da disciplina militar em Portugal permitiu-lhe subtrair-se a uma eventual ida para as colónias, como era o caso na altura em relação à Angola, Moçambique, Madeira, Açores, Timor e Cabo Verde, etc.. Evidentemente que essa exigência de Salazar do cumprimento do serviço militar nas colónias devia-se ao medo de as perder no teatro da 2ª guerra mundial. Durante os 10 meses que fez serviço militar, António Francisco Correia começou como soldado, depois foi promovido a cabo e quando saiu era sargento.

 As consequências da vivência de António Francisco Correia nas casernas militares permitiram-lhe assenhorear-se de uma série de conhecimentos e informações que mais tarde vão revelar-se essenciais para a sua vida profissional, sobretudo no concerne à aprendizagem da matemática, desenho e alguns aspetos técnicos da engenheira civil (5):

 *“Eu tinha um primo que era mais velho quinze anos de que eu que me sugeriu que estudasse no seio do exército. Prestei serviço em engenharia. Aprendi as técnicas e disciplinas de engenharia civil que estavam ligadas à construção civil, como eram os casos da matemática, desenho, etc. Quanto ao problema da disciplina que reinava no exército, eu aproveitava o tempo o melhor possível para estudar, porque não podia fugir. Foi assim que cheguei a sargento. Quando vim embora do exército tinha 23 anos. Fui para a Escola Prática de Engenharia* e prestei serviço militar. *Toda essa gente eram engenheiros. Esses meus primos foram para Espanha porque não queriam servir a guerra. Dentro do exército, e pese embora a disciplina militar que ali existia, eu teria que aproveitar o melhor possível. Isto foi muito importante para a minha formação profissional e serviu para colmatar os problemas financeiros da minha família, já que o meu pai depois de sair da prisão foi despedido”.*

Logo após ter deixado o serviço militar António Francisco Correia fez-se à vida e, como é lógico, tentou singrar como trabalhador da construção civil. Como tínhamos escrito antes, a evolução educacional de António Francisco Correia permitiu-lhe evoluir para uma situação que não esperava antes de ter feito o serviço militar(6):

*Primeiro criei uma firma de construção civil e passei a fazer construções como empreiteiro. Um andar, dois andares. Quando estive na Escola Prática de Engenharia fiz muitas amizades com engenheiros militares do exército. Estes ajudaram-me muito na resolução de problemas técnicos e burocráticos na minha vida inicial de empreiteiro. Fiz obras nos hospitais militares e edifícios públicos.*

Até à sua ida para o Brasil, em 1951, limitou-se a exercer a sua atividade profissional, nunca esquecendo os pressupostos da luta contra a ditadura de Salazar. Sendo difícil qualquer tipo de solidariedade e luta contra o regime de Salazar no quadro da ação individual e coletiva, Francisco António Correia canalizou os seus esforços na solidariedade com os presos anarco-sindicalistas, destacando-se todo o seu esforço junto de Luis Portela até finas da década de 1940. Importa, por fim, referir a sua participação em ações nas conferências dos professores Abel Salazar e Agostinho da Silva, tendo salvo muitos livros deste último das garras da PIDE.

1. **A ascensão social de Edgar Rodrigues e a luta pelo anarquismo no Brasil**

Várias razões estão na origem do fato de António Francisco Correia ter emigrado para o Brasil. Em primeiro lugar, a saturação e a falta de liberdade provocada pela ditadura fascista de Salazar. Em segundo lugar, a possibilidade de escrever e difundir livremente as ideias e as práticas do anarco-sindicalismo contra a ditadura em Portugal. Por último, a probabilidade de desenvolver com a maior acuidade proficiência as hipóteses de empresário da construção civil.

As peripécias e os condicionalismos para emigrar em Portugal não eram, de modo algum, fáceis de ultrapassar. Para a ditadura que tinha sido instaurada em Portugal, a persistência de salários baixos para atingir altas taxas de lucro só eram exequíveis, desde que existisse uma multidão de trabalhadores assalariados, por forma a que estes entrassem num processo de concorrência desenfreada e se ajoelhassem perante o patronato. Desse modo, quando António Francisco Correia emigra para o Brasil em 20 de Julho de 1951, assiste-se a uma série de situações patéticas (7):

*“Quando tentei emigrar num navio vocacionado para o efeito, os indivíduos da alfândega tentaram impedir que eu emigrasse dizendo que eu tinha febre. Tive que tirar radiografias e uma série de exames. Eu descobri um oposicionista da ditadura, um sujeito que era formado em farmácia. Foi um farmacêutico que me curou. Cheguei em Agosto de 1951 ao Brasil. A Ondina e o Zola chegaram ao Brasil no Vera Cruz um ano mais tarde”.*

Em 5 de Agosto de 1951 chega ao Brasil num navio, mais concretamente, ao Rio de Janeiro, quando tinha trinta anos, quatro meses e 24 dias. Pergunta-se, porquê foi para o Rio de Janeiro e não para São Paulo, Salvador ou Recife? A razão plausível desta opção encontra-se no fundamento das ideias e práticas do anarco-sindicalismo que privilegiava as relações que existia a esse nível entre Portugal e o Brasil. A carta redigida pelo velho libertário português José Rodrigues Reboredo que foi entregue a António Francisco Correia a Edgard Leuenroth, diretor do jornal anarquista *A Plebe,* tinha por objetivo integrar e identificar as opções ideológicas de António Francisco Correia no movimento social-operário do Brasil*.* Neste sentido, os primeiros passos dados por António Francisco Correia circunscreveram-se ao conhecimento de militantes anarquistas portugueses e brasileiros, razão pela qual desde 1951 procurasse colaborar com grupos ou publicações anarquistas sedeadas no Rio de Janeiro. Para este efeito, foi fundamental conhecer e estabelecer um diálogo com conjunto de anarquistas que habitavam no Rio de Janeiro. Entre outros, destaque-se José Oiticica, Edgard Leuenroth, Roberto das Neves, Seraphim Porto, José Romero, Ideal Peres, Manuel Perez, Diamantino Augusto, Pedro Ferreira da Silva, etc…

A memória associada à revolta e à lucidez histórica dos malefícios sociais, políticos, económicos e culturais provocados pela ditadura de Salazar não fizeram esquecer a denúncia internacional que era fundamental elaborar nos órgãos da imprensa libertária e, em menor escala, nos órgãos, da imprensa de oposição democrática ao referido regime. Nesta assunção, António Francisco Correia, utilizando já o pseudónimo de Edgar Rodrigues, começou a escrever uma série de artigos no jornal *Ação Direta*, sob a direção de José Oiticica, criticando a situação de miséria e de pobreza na sociedade portuguesa, assim como a inexistência de liberdade de expressão na sociedade civil e a tortura e a censura exercida pela PIDE nas prisões e fora delas. Partindo dos mesmos pressupostos críticos, nesse período, colaborou também com a oposição democrática portuguesa, publicando, para o efeito, alguns artigos nos jornais *Gazeta do Brasil* e *O Semanário,* com sede no Rio de Janeiro.

Esta atitude analítica de denúncia do salazarismo generalizou-se a vários países da América Latina, com especial incidência na colaboração com o jornal *Tierra y Libertad*, dirigido por Domingos Rojas e Benjamin Cano Ruiz, sedeado no México. Nos primeiros tempos em que chegou ao Brasil, a amplitude da pertinência e atualidade da crítica de Edgar Rodrigues em relação à exploração e opressão do povo português tornou-se uma grande preocupação constante. Essa colaboração internacional nos meios libertários tornou-se, cada vez mais, consistente ao ponto de Edgar Rodrigues manter uma postura de publicações profícuas com os jornais *Tierra y Libertad* (México), *CNT* (França), La Protesta (Argentina) e *Voluntad* (Uruguai).

Tudo o que acabo de referir na trajetória histórica de Edgar Rodrigues no Brasil deu-se nos primeiros anos da sua chegada ao Rio de Janeiro. A sua família nuclear constituída por si, sua mulher Ondina dos Anjos da Costa Santos e filho Oscar Zola chegam ao Brasil no ano de 1952. Mais tarde nasce a sua filha Regina Espanhol. As questões de sobrevivência económica sempre foram e eram um problema para a permanência de Edgar Rodrigues no Brasil. Evidentemente que, nestas condições, a sobrevivência económica só poderia surtir efeito desde que Edgar Rodrigues valorizasse as competências profissionais que tinha adquirido em Portugal. O conhecimento que tinha do setor da construção civil foi, nesse aspeto, determinante (8):

*“Eu conversava muito com o Roberto das Neves. Manuel Peres quis arranjar-me trabalho. Tinha 30 anos e não precisava da ajuda de ninguém. O Roberto das Neves veio para o Brasil por causa das ideias. Conseguiu uma carteira de jornalista de correspondente do Século. Era professor de esperanto e jornalista do jornal A Força Da Razão. Conheci um engenheiro que me ajudou a entregar-me uma carteira de construtor civil. No final de 1952 construi uma obra e depois seguiram-se outras. A amizade com o engenheiro da Caixa Económica foi fulcral para esse feito. Manuel Peres, sapateiro de profissão, era um indivíduo excecional. Em 1954, como já tínhamos um pé de meia, construímos uma casa. Construi obras para o Estado de Guanabara. O máximo que tive de empregados foram 10. Construi vários edifícios dando-lhe nomes a anarquistas conhecidos”.*

O fato de Edgar Rodrigues ter uma vida quotidiana muito baseada na gestão empresarial da construção civil permitiu-lhe, no entanto, de usufruir de duas situações nucleares: 1) estruturar e desenvolver as suas pesquisas; 2) financiar a procura das suas fontes de pesquisa que estiveram na origem das várias dezenas de livros que publicou. O dinheiro para comprar bibliotecas de vários companheiros anarquistas e as viagens realizadas a vários estados do Brasil com o intuito de obter informações junto de velhos militantes anarco-sindicalistas brasileiros e de outras nacionalidades tornaram-se possíveis porque Edgar Rodrigues tinha o dinheiro suficiente para esses efeito. A esse fato acresce que muitos dos seus livros editados foram financiados por si. Não esquecendo que muito do dinheiro ganho como empresário da construção civil, enquanto Edgar Rodrigues foi vivo, reverteu para si e para a sua família, outra parte serviu para financiar várias atividades dos meios anarquistas no Brasil e em Portugal.

Voltando novamente à inserção de Edgar Rodrigues no movimento anarquista no Brasil, entre 1952 até à morte de José Oiticica em 1957, foi um militante ativo no seio do jornal *Ação Direta*. Para além de escrever vários artigos, Edgar Rodrigues participava nas discussões ideológicas internas da redação, acompanhava o processo de edição com a gráfica e participava na distribuição do jornal. Através do jornal *Ação Direta* teve, sem dúvida, um papel importante na difusão das ideias anarquistas no Brasil. Mas como ocorreu noutros países, as dissensões internas sobre aspetos ideológicos, políticos e filosóficos depressa atenuaram os índices motivacionais dos seus colaboradores. As contradições e os conflitos gerados pela inexistência de leitores e acólitos da causa comum, assim como as divergências entre velhos e novos militantes criaram uma série de “bodes expiatórios” que culminou com a desistência daqueles que militavam como anarquistas no jornal *Ação Direta*. Edgar Rodrigues foi testemunha de tudo isso quando presenciou o fim do jornal *Ação Direta* em 1959, depois da morte de José Oiticica em 1957.

Coincidindo com a morte de José Oiticica e aproveitando toda a colaboração que vinha mantendo com Roberto das Neves, Edgar Rodrigues edita o seu primeiro livro, em 1957, *Na Inquisição de Salazar* (9). Este trabalho de pesquisa data de 1932/1937 e resulta de um conjunto de correspondências estabelecido entre Edgar Rodrigues e Luís Portela. É, sem dúvida, um manifesto crítico da situação dos presos políticos no regime ditatorial de Salazar e um alerta para o clima de censura e tortura que perpassava na sociedade portuguesa. Prosseguindo a denúncia dos crimes e da situação de pobreza e miséria que grassava em Portugal, Edgar Rodrigues e Roberto das Neves publicam *A fome em Portugal,* em 1959, (10). Este livro caracteriza, a diferentes níveis, o trágico subdesenvolvimento sócio-económico de Portugal, com especial incidência para a condição das classes sociais desfavorecidas, nos planos alimentício, educacional, mortalidade e saúde.

Tendo presente que a capacidade editorial do jornal *Ação Direta* foi-se deteriorando financeiramente e ideologicamente, antes e depois da morte de José Oiticica, por forma a homenagear a vida e a obra de José Oiticica, e em certa medida, dar continuidade histórica aos objetivos revolucionários dessa figura histórica do anarquismo brasileiro, um grupo de militantes anarquistas – Afonso Alves Vieira, Manuel dos Santos Ramos, Roberto Barreto Pedroso das Neves, Seraphim Porto, Ideal Peres, Esher de Oliveira Redes, Germinal Bottino, Fernando Gonçalves da Silva, Francisco de Magalhães Viotti, Pedro Gonçalves dos Santos, António Francisco Correia (Edgar Rodrigues), Enio Cardoso, Ruas Vital (Atayde da Silva Dias), - criaramm, formalmente, em 7 de Março de 1958, o C.E.P.J.O. (Centro de Estudos Professor José Oiticica). Posteriormente, Paulo Fernandes da Silva, António da Costa, António da Silva Costa, Elisa da Silva Costa, Maria Arminda Sol e Silva, Mário Rogério Nogueira Pinto, António Rui Nogueira Pinto, Elir Brajareu de Oliveira e Pietro Michele Stefato Ferrua integrarão as atividades do C.E.P.J.O. Cada associado, especificamente, poderia desenvolver as suas atividades como militantes, cooperantes ou correspondentes (11).

Desde 1958 até ao seu encerramento em 1969, as atividades do C.E.P.J.O. centraram-se, fundamentalmente, na realização de conferências, palestras e cursos de formação. O conteúdo dessas atividades tinha sempre uma base cultural-libertária. As temáticas primavam pela diversidade, sendo sempre norteadas pela transversalidade económica, política, social e cultural: Cooperativismo, Maçonaria, Educação, Pedagogia, Literatura, Psicanálise, Anarquismo, Psicologia, Surrealismo, Revolução Russa, Revolução Cubana, Economia, Marxismo, Socialismo,etc… Até 1964 foi possível desenvolver estas atividades sem grandes sobressaltos e com um certo impacto na cidade do Rio de Janeiro. Com a instauração da ditadura militar, a censura política e o controlo militar condicionam a realização dessas atividades, razão pela qual tenham diminuído drasticamente. Problemas financeiros graves e dissensões ideológicas e políticas com militantes socialistas e entre militantes anarquistas que partilhavam o C.E.P.J.O. ajudaram também a essa decadência do Centro.

Não obstante se encontrar numa situação histórica adversa, o C. E.P.J.O. colaborou ou ajudou a criar uma série de organismos com o objetivo de lutar contra a ditadura militar brasileira. Segundo Edgar Rodrigues, o C.E.P.J.O., no seu historial de 1958-1959, estimulou ou ajudou a formar: 1) Movimento Estudantil Brasileiro (MEL); 2) Grupo de Teatro Social (GRUPETS); 3) Movimento Pacifista Brasileiro (MPB); 4) Centro Internacional de Pesquisas sobre Anarquismo no Brasil (articulado com o CIRA da Suíça através de Pietro Ferrua); 5) Um Cinecluble; 6) Centro Brasileiro de Estudos Internacionais; 7) Cursos de formação sobre o Anarquismo e psicanálise; 8) Vários cursos de formação, palestras e conferências versando várias matérias; 9) Participação em vários encontros anarquistas em São Paulo (Nossa Chácara) (12).

Em situação de claras dificuldades para difundir os princípios e as práticas do anarquismo através da edição de livros em língua portuguesa, os militantes anarquistas que ainda frequentavam e administravam o C.E.P.J.O. resolveram criar uma editora, em 29 de Março de 1962, que denominaram de Editora Mundo Livre. Durante a sua existência publicou *O Retrato da Ditadura Portuguesa,* de Edgar Rodrigues, sem data mas provavelmente editado em 1962; *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos, de José Oiticica*, mas provavelmente editado em 1962*; Anarquismo-Roteiro de Libertação Social*, de Edgard Leuenroth, em 1963; *A Ciência Moderna e o Humanismo,* de Pedro Kropotine, sem data, mas provavelmente editado em 1963; *Erros e Contradições do Marxismo*, de Varlan Tcherkesoff, sem data, mas provavelmente editado em 1964 (13).Com a implantação da ditadura no Brasil em 1964, as atividades do C.E.P.J.O tornam-se mais difíceis. Mais tarde, quando o Centro já estava extinto, a Editora Mundo Livre editou, em 1974, *Violência, Autoridade & Humanismo*, de Edgar Rodrigues, *Novos Rumos,* em 1978,de Edgar Rodrigues, e ainda, em 1978,*O Deus Vermelho*, do mesmo autor.

Do que é inegável e sintomático extrair-se de todos esse processo, e repondo-se toda a verdade dos fatos, muito do que foi feito no historial do C.E.P.J.O. deve-se à ação militante de Edgar Rodrigues, nomeadamente nos aspetos da administração e da organização do centro, com especial incidência nas funções que exerceu na biblioteca e na direção do C.E.P.J.O. Por outro lado, não é de menosprezar a sua presença e participação nos cursos de formação, palestras e conferências.

As conflitualidades e dissensões ideológicas e financeiras foram-se acumulando ao longo da existência do C.E.P.J.O., isso não obstou a que muitos dos objetivos enunciados fossem conseguidos. Tendo sido membros fundadores do Centro, após alguns anos da sua experiência, Roberto Barreto Pedroso das Neves, Rual Vital e Seraphim Porto abandonaram-no.

O momento culminante da sobrevivência do C.E.P:J.O. emerge no período histórico da ditadura militar, com o assalto das instalações do Centro pelos militares da força aérea brasileira, em princípios de Outubro de 1969. A sede do Centro foi vandalizada sobretudo no que toca a documentos de propaganda anarquista, não esquecendo mobílias, paredes, outros materiais de escritório, ferramentas, etc… Enquanto estes materiais foram, pura e simplesmente destruídos, o mesmo não aconteceu com os documentos escritos encontrados, na medida em que estes serviam potencialmente de material subversivo de acusação, por parte da polícia, dos militares e dos tribunais. Na altura do assalto, alguns indivíduos que frequentavam o C.E.P.J.O. foram, imediatamente, presos. Depois, em 8, 9, 10, 15 e 21 de Outubro, foram presos no seu domicilio ou nos locais de trabalho, a quase totalidade dos membros do Centro. Edgar Rodrigues apesar de ser incriminado neste processo judicial conseguiu escapar à detenção, porque foi capaz de subtrair-se à rusga da polícia civil e militar. Todavia, isso não evitou que enquanto bibliotecário do Centro fosse sujeito a um interrogatório exaustivo, tendo para o efeito eliminado as provas que o podiam incriminar, fazendo o mesmo em relação a outros militantes anarquistas que faziam parte do Centro. Antes da decisão judicial, quem sofreu mais com os atos de violência da polícia militar foi Ideal Peres e em menor grau Roberto Barreto Pedrosos das Neves. (14). Em todo este processo, no cômputo geral, o tempo de prisão dos militantes libertários do C.P.E.J.O. nas masmorras brasileiras oscilou entre 3 a 20 dias.

O processo judicial propriamente dito iniciou-se com base na superintendência do Comando de Transporte Aéreo Quartel General, realizando para o efeito a primeira versão acusatória reportado ao Inquérito Policial-Militar. Não podendo inferir da data certa deste relatório, pode deduzir-se com base nos acontecimentos ocorridos que ele foi estruturado desde finais de Outubro, passando por Novembro, para culminar em Dezembro de 1969. A investigação político-militar indiciou as atividades anarquistas do C.E.P.J.O. como subversivas e, como consequência, inimigas da estabilidade normativa do Estado e do capitalismo no Brasil. Como consequência, todos os elementos do C.E.P.J.O foram considerados elementos perigosos para a segurança nacional não só porque desenvolviam atividades várias no Centro e porque faziam parte de uma ideologia anarquista retratada por jornais anarquistas, como é o exemplo de *Ação Direta*, mas também outros autores, como era o caso de José Oiticica. Os primeiros indiciados para um posterior julgamento foram: Pietro Michel Stefano Ferrua, Paulo Fernandes da Silva, Ideal Peres, António da Costa, Fernando Gonçalves da Silva, Manoel dos Santos Ramos, António Francisco Correia, António da Silva Costa, Elisa da Silva Costa, Roberto da Silva Costa, Esther de Oliveira Redes, Roberto Barreto Pedroso Neves, Maria Arminda Sol e Silva, António Rui Nogueira, Pedro Carlos Alves Pinheiro, Nadja Alves Pinheiro, Mário Rogério Nogueira Pinto, Eli Briareu de Oliveira, Pedro Carlos Alves Pinheiro, Tânia Alves Pinheiro e Michelangelo Privitera. Realce-se que a principal acusação remetida às atividades do C.E.P.J.O. centrava-se na atuação do MEL (Movimento Estudantil Libertário) (15). Para além dos jovens do Centro que militavam no MEL, sublinhe-se o papel que Ideal Peres teve na elaboração da propaganda difundida junto da população estudantil brasileira.

O processo teve continuidade com uma Primeira Auditoria da Aeronáutica da 1ª Circunscrição Judiciária Militar. Para efeito foram convocados todos o que tinham sido indiciados pelo Comando de Transporte Aéreo Quartel General, de modo a apurar da responsabilidade subversiva de cada elemento do C.E.P.J.O em relação às preposições anarquistas contra o Estado e o capitalismo. Toda a interrogação oscilava à volta do grau de participação e responsabilidade que cada um teve na conceção e distribuição da propaganda editada pelo MEL. Um outro aspeto reportava-se às relações internacionais estabelecidas entre o Centro e o C.I.R.A. (Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo). Por fim, o conteúdo ideológico e político dos livros editados pela Editora Mundo Livre.

No seu conjunto todo este processo judicial foi conturbado e doloroso e durou mais de 2 anos. A argumentação dos juízes, assim como a defesa dos advogados dos réus foi polémica não pela natureza das atividades do C.E.P.J.O., mas sobretudo pelas ideias e práticas do anarquismo a nível mundial. Essas ideias e práticas vivificadas na edição de livros, jornais e panfletos eram o prenúncio da negação do Estado e de Deus. O diálogo entre os juízes, réus e advogados de defesa revelou-se profícuo,, não obstante surgirem situações contraditórias e conflituantes. A sentença do Supervisor Tribunal Militar deu-se em 30 de Novembro de 1971. Todos os réus foram absolvidos.

Para além das exigências inerentes à profissão de empresário da construção civil, poder-se-ia pensar que a atividade militante anarquista de Edgar Rodrigues estava plenamente confinada à sua identidade com o C.E.P.J.O. Por razões de escassez financeira, intervenção policial-militar e conflitos ideológicos entre os poucos membros que restavam, o Centro fechou em finais de 1969. De fato, embora aí tivesse defendido o ideal anarquista durante onze anos, isso não impediu de publicar dezenas de artigos em vários jornais e revistas, na sua grande maioria libertários. Para Edgar Rodrigues, desde 1952 até princípios de 1960, a denúncia mundial do salazarismo continuava prioritária. No entanto, alguns desses artigos já estavam elaborados no sentido de uma a pesquisa empírica centrada na história do movimento social operário no Brasil.

Por mera curiosidade sublinhe-se os 195 artigos que foram publicados em revistas e jornais, nessa época, por Edgar Rodrigues: *Solidaridad Gastronómica* (Cuba); *El Sol* (Costa Rica); *El Libertário* (Cuba); *Solidaridad Obrera* (França); C.N.T. (Toulose-França); *L’Adunata Dei Refrattari* (América do Norte); *Ação Direta (*Brasil); *Tierra y Libertad* (México); *O Malhete* (Brasil); *A Coluna* (Brasil); *Reconstrui*r (Argentina; *O Semanário* (Brasil); *Notícias do Brasil* (Brasil); *Mesa Redonda* (Brasil); *O Lusitano* (Basil); *Portugal Democrático* (Brasil); Ruta (Venezuela); Gazeta do Brasil (Brasil); *A Luta* (Brasil); *O Mundo Português* (Brasil); *O Libertário* (Brasil) e *Voluntad* (Uruguai) (16). O grande início das pesquisas que mais tarde resultaram na publicação de vários dezenas de livros de Edgar Rodrigues tem nestes artigos publicados em jornais e revistas internacionais a base motivacional e identitária para pesquisar e escrever em prol da história do anarco-sindicalismo e do movimento social operário que tinha conhecido de Portugal, mas que era necessário resgatar no Brasil.

O esforço e a capacidade de pesquisa foram indeléveis. Edgar Rodrigues percorreu quase todos os Estados brasileiros onde existissem militantes anarquistas vivos no sentido dos entrevistar e, quando tinha hipóteses, adquiria os seus livros e documentos, sobretudo aqueles que estavam relacionados com a história do movimento social operário e o anarco-sindicalismo do Brasil. Comprou também bibliotecas a militantes anarquistas que não estavam interessados no seu espólio. Em conjugação com a pesquisa nas bibliotecas oficiais conseguiu construir um arquivo de repleto de informações únicas e originais, mas que necessitavam de ser transformados num discurso objetivo, plausível e radical.

Devido a esta série e fatores conjugados com uma vontade férrea de dar a conhecer publicamente o conteúdo as lutas operárias pela emancipação social, Edgar Rodrigues centra a sua atenção de militante anarquista no espaço-tempo da história social do Brasil. A primeira obra que marca esta evolução de Edgar Rodrigues incide na temática do *Socialismo e Sindicalismo no Brasil* publicada em 1969 (17). Ao fim ao cabo, com este livro, Edgar Rodrigues pretendeu resgatar a verdade da história das lutas dos oprimidos e explorados e, ao mesmo tempo, desmascarar a mistificação da história oficial do Estado, da igreja, do capitalismo e da ciência normativa. Esta conceção histórica do socialismo libertário e do anarco-sindicalismo atravessa todo o discurso narrativo de Edgar Rodrigues, não obstante sabermos que a gestação dos mesmos teve lugar em finais do século XIX e princípios do século XX. Embora sabendo da historicidade destes conceitos, isso fato não impediu de iniciar a sua análise com um capítulo sobre o Quilombo dos Palmares no Brasil. A razão da plausibilidade histórica deste livro (1635-1913) insere-se num contínuo lógico pautado por um tipo de conceção libertária emancipalista assente na ação coletiva dos oprimidos e explorados contra o Estado e o capital e, por outro lado, num tipo de organização baseado na ação direta (18):

“*Sobre os Palmares corriam lendas entre negros e brancos que serviram para os encorajar uns a fugir, e outros a justificar as suas derrotas, mas o certo é que ali, no meio do mato, nasceu um Novo Mundo, com novos costumes, todos bafejados por ideias novas. O Quilombo doa Palmares não seguia as tradições religiosas para o batismo dos que ali nasciam e os seus casamentos eram livres e regidos pelas “leis da natureza”. O seu apetite era a regra da sua eleição, cada um tinha as mulheres que quisesse. As normas da escolha, da união e da separação, era inteiramente livres. Não obedeciam à sujeição de alguma lei que não fôra a do respeito aos direitos dos demais quilombolas. Tudo isto uniu os palmarinos e os tornou uma força poderosa, capaz de derrotar muitas expedições militares fortemente armadas e resistir até ao último homem, preferindo o suicídio a entregar-se vencidos ao exército da monarquia.”*

Seguindo o mesmo raciocínio centrado nas lutas do campo, Edgar Rodrigues introduz um acontecimento histórico emancipalista no Brasil centrado na Guerra dos Canudos, na região o nordeste, estado da Bahia. Esta guerra teve inicio em 1896 e terminou em 1897. Não obstante ter durado pouco, as opções revolucionários dos camponeses de Canudos liderados por António Conselheiro tinham como propósitos básicos a extinção dos impostos praticados pelo Estado, a expropriação dos latifundiários, assim como da própria igreja.

Edgar Rodrigues, de seguida, analisa a influência das ideias socialistas francesas no Brasil, com principal destaque para Fourier, Proudhon e Reclus. Na época, qualquer um destes autores defendia um tipo de socialismo libertário, por natureza oposto e diferente do socialismo de tipo marxista. Por várias razões, esta influência traduziu-se na formação de vários falanstérios e, em última análise, esteve na origem do anarquismo experimental na Colónia Cecília, entre 1990 e1994. Estas experimentações libertárias, deram-se, fundamentalmente, no setor agrícola, tendo mais tarde repercussões manifestas no setor industrial.

Pode-se deduzir-se que, para Edgar Rodrigues, o ciclo histórico das lutas sociais no Brasil que começou no século XVII e termina em finais do século XIX é maioritariamente assumidos pelos trabalhadores do campo e que a noção ideológica de socialismo libertário foi experimentada nas comunidades baseadas nos falanstérios preconizados por Fourier e no anarquismo experimental da Colónia Cecília.

 Por razões que têm que ver com o processo de industrialização e de urbanização do Brasil conjugados com a vinda de emigrantes italianos, espanhóis, portugueses e de outras nacionalidades a introdução das ideias e práticas do socialismo, do anarquismo e do sindicalismo desenvolvem-se no seio dos trabalhadores assalariados brasileiros, com especial incidência no setor industrial e de serviços nas regiões de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Não admira, assim, que, em finais do século XIX, como consequência dos ensinamentos da Colónia Cecília emergissem uma série de publicações, cujo propósitos essenciais foram a defesa do anarquismo (socialismo libertário) contra o socialismo autoritário preconizado por Marx e seus acólitos. Evidentemente que a plasticidade social dessas posições antagónicas traduzia-se num tipo de modalidade de ação coletiva dos trabalhadores assalariados conducente ou não extinção imediata do Estado e do capitalismo.

Esta evolução do anarquismo no Brasil, para Edgar Rodrigues, é visível a partir de 1890 com a proliferação de publicações em São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belém, Recife, Fortaleza, Santos, Ribeirão Preto, Amazona, e Estados da Bahia e Góiás. Este fervilhar de ideias expande-se com relativa facilidade e acuidade. Esta identidade ideológica no Brasil deu lugar à realização do 1º Congresso Operário no Rio Grande do Sul promovido pela União Operária, em Porto Alegre, nos dias 1 e 2 de Janeiro de 1898.

 Segundo Edgar Rodrigues as condições de miséria, de pobreza e de injustiça social, e nalguns casos, de escravatura humana no seio dos trabalhadores assalariados, levou a que estes nas regiões mais industrializadas se identificassem com as preposições dos anarquistas. Como consequência são formadas uniões e federações estaduais e regionais de natureza sindical nos Estados mais industrializados, sendo que a quase totalidade estavam identificadas com o sindicalismo revolucionário e o anarco-sindicalismo. Em paralelo, a criação de ateneus, teatros, bibliotecas e escolas serviu para desenvolver a cultura e a formação dos seus aderentes. Esta situação era ainda mesclada pela solidariedade internacional dos anarquistas nos sindicatos. Tudo isto conjugado deu origem a se desenvolvessem uma série de greves, tendo aquela que foi realizada em Santos, em 1904, assumido um significado muito particular, quer pelo simbolismo de solidariedade internacional quer pelo seu radicalismo.

Neste livro sobre o socialismo e o sindicalismo no Brasil, Edgar Rodrigues pretendeu demonstrar que na sua génese estavam e estarão os trabalhadores assalariados. E se uma plêiade de intelectuais brasileiros e de outras nacionalidades estiveram presentes nas lutas para os ajudar, o intuito deles sempre foi submeter-se aos desígnios da sua emancipação. Esse processo histórico no sentido do anarquismo e do sindicalismo sistematiza-se desde finais do século XIX e princípio do século XX com base na difusão de inúmeras publicações anarquistas nos estados do Brasil mais industrializados, conferências, debates, greves, criação de estruturas sindicais ao nível local, regional e estadual.

Com o evoluir das lutas sociais promovidas pelos trabalhadores assalariados no sentido da emancipação social, a influência dos postulados ideológicos e organizacionais do anarquismo e do anarco-sindicalismo culminam com a realização do 1º Congresso Operário Brasileiro, no Rio de Janeiro, em 15, 16, 17, 18, 19 e 20 de Abril de 1906. Das várias resoluções importantes, destaque-se a formação da COB (Confederação Operária Brasileira). Esta confederação adotou os princípios e as práticas do anarco-sindicalismo da CGT francesa e, por outro lado, agregou a maioria dos sindicatos dos diferentes Estados do Brasil. Para Edgar Rodrigues, a criação da COB foi um marco histórico importantíssimo para a defesa do anarquismo e do anarco-sindicalismo no Brasil, assim como para a emancipação social do operariado brasileiro. Embora antes já tivessem havido greves em vários estados e se comemorasse o 1º de Maio de forma revolucionária, a partir de então surgem várias greves em São Paulo, Rio de Janeiro e Santos, sendo importante realçar a que ocorreu, em São Paulo, no ano de 1907, na empresa da Companhia Paulista das Estradas de Ferro e uma outra de caráter sangrento, em 1908, no porto de Santos. Para além destas sublinhe-se e aquelas que ocorreram, em 1912, em vários estados do Brasil. Por outro lado, desde a fundação da COB, o 1º de Maio é potenciado e serve, fundamentalmente, para realizar manifestações simbólicas contra o Estado e o capitalismo.

Antes da formação da COB já existia o gérmen da sua fundação no movimento social operário, nomeadamente com a emergência de publicações libertárias, experiências comunitárias anarquistas e criação de estruturas sindicais. O exemplo do que acabo de referir é bem exemplificado pela realização do 1º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, em 1 e 2 de Janeiro de 1898. A COB não é mais do que o culminar de uma ação individual e coletiva expressa em ações sindicais ao nível local, regional, estadual e nacional. O caráter organizativo, revolucionário e reivindicativo da COB através das suas federações locais, regionais e estaduais imprime uma dinâmica à atuação dos sindicatos que culmina na realização de vários congressos e conferências estaduais.

Desse modo, em 1 e 2 de Janeiro de 1898 realizou-se o 1º Congresso Operário do Rio Grande do Sul Na altura em que Edgar Rodrigues escreveu o livro que estamos a analisar, foram também referidos o 1º Congresso Operário Brasileiro realizado em 15, 16, 17, 18, 19 e 20 de Abril de 1906; o Congresso Operário de Curitiba realizado em 1907; a 1ª Conferência Operária Estadual de São Paulo realizada em 6, 7 e 8 de Dezembro de 1906; o 1º Congresso Operário Estadual de São Paulo realizado em 1906; o 2º Congresso Operário Estadual de São Paulo realizado entre 17 e 19 de Abril de 1908; o 2º Congresso Operário Brasileiro realizado entre 8 e 13 de Setembro de 1913. É lógico que nesse período histórico da existência da COB, entre 1906 e 1913, Edgar Rodrigues não tivesse sublinhado a realização de outros eventos inscritos na ação da COB, na estrita medida em não possuía a informação para esses efeito.

Posteriormente, noutros livros, Edgar Rodrigues alarga o seu período histórico de análise dos congressos operários brasileiros, sublinhando a ocorrência e o conteúdo do 3º Congresso Operário Brasileiro realizado em 23, 24, 25, 26, 27 e 28 de Setembro de 1920, no Rio de Janeiro. Este e outros congressos são, posteriormente, analisados por Edgar Rodrigues, 10 anos mais tarde, no livro *Alvorada Operária* (19). Pode extrair da leitura deste livro que os tempos áureos da luta sindical dinamizada pela COB estava a chegar ao fim, por três razões fundamentais: a) a repressão policial; b) as fissuras abertas pela 1º guerra mundial; c) a vitória do PCUS dilacerou ideologicamente o socialismo libertário que muitos anarquistas defendiam, razão pela qual se tenham transformado nos coveiros do anarco-sindicalismo da COB e difusores do comunismo no Brasil. Ainda houve um 4º Congresso Operário Brasileiro, entre 7 e 15 de Janeiro de 2012, realizado no Rio de Janeiro. Este congresso não tinha nada que ver com as premissas teóricas e práticas COB e tinha como objetivo destruir a identidade revolucionária e libertária desta organização sindical. Realce-se também o 2º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, em 21, 23, 24 e 25 de 1920, o 3º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, entre 27 de Setembro e 3 de Outubro de 1925, e o 4º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, em 2 e 3 de Janeiro de 1928.

O segundo livro que Edgar Rodrigues publica em 1969 (20) insere-se na temática do confronto e nas diferenças da origem e atualidade entre o comunismo e o anarquismo. Pode-se extrair essas ilações, quando o autor afirma o tipo de socialismo ou de comunismo que defende (20):

*“Em verdade, o comunismo e o socialismo ainda não foram postos em prática. A experiência soviética e agora a chinesa e a cubana, etc…, não invalidam a ideia. O que realmente existe, são regimes políticos de “Estados fortes”, onde o indivíduo representa apenas uma célula social. A vida, os bens individuais e a família, frente a esses Estados, por si só nada valem, nada contam. A capacidade criadora e livre não existe, como não existe pesquisa individual. Isto reduz fatalmente à insignificância a personalidade humana, que passa a desejar o chefe e o líder.*

*O Estado forte conduz à sobrevivência e à idolatria, à alienação, e apaga do indivíduo os rasgos de solidariedade humana e os desejos de ser livre. Isto não é Comunismo! Isto não é Socialismo!”*.

 Esta conceção de Edgar Rodrigues sobre o anarquismo é muito singular, sobretudo se tivermos em linha de conta o que pensava do comunismo e do socialismo. Como para Edgar Rodrigues o homem era, em princípio, naturalmente bom, desde que o Estado, o capitalismo e a Igreja fossem abolidos do planeta Terra, o anarquismo era uma opção emancipalista inquestionável (21):

 “*O anarquismo não tem donos, país ou líderes, não é intelectual nem operário. Ninguém o inventou. Os seus princípios desenvolvidos através de uma filosofia de vida, são leis naturais examinadas pelo raciocínio humano. E é sobretudo, humanista por excelência. Os que lhe emprestam atos de violência, tem-no feito como resposta aos grandes tiranos e nunca por um princípio ideológico. O anarquismo tem por princípios que o homem é bom, e que lhe falta algo desta qualidade, tal deficiência provém do meio social em que viveu, tornando incapaz de compreender que o seu interesse bem entendido, não diverge a humanidade. Todo o homem tem um direito natural , igual e imprescindível a desenvolver-se livremente, e só esse direito poder a felicidade ao ser humano”.*

Diga-se, em abono da verdade, que este pressuposto humanista e naturalista do homem anarquista radicava numa conceção não-violenta assente na justiça e na liberdade. Esta posição ideológica tornou-se bastante visível nos livros que escreveu (22), quer, ainda, nos 1755 artigos publicados em 13 países da Europa e da América Latina.

 Nas décadas de 50 e 60 do século XX, a militância anarquista de Edgar Rodrigues no Brasil não se cingiu às atividades do C.E.P.J.O. no Rio Janeiro. Como membro deste grupo e também como indivíduo identificado com a expansão do anarquismo no Brasil participou em vários congressos e encontros, sendo de destacar o Encontro de Companheiros de Ideias, realizado na URCA, entre 9 e 11 de Fevereiro de 1953, no Rio de Janeiro. De 26 a 29 de Março de 1959 participou num Congresso Anarquista, na “Nossa Chácara”, em São Paulo. De 20 a 22 de Abril 1962 participou no Congresso Anarquista na “Nossa Chácara”, em São Paulo. De 15 a 17 de Novembro de 1963 participa num Congresso Anarquista no “Nosso Sítio”, em São Paulo. No dia 1º de Maio de 1964 participou, com um grupo restrito de companheiros anarquistas, numa reunião de anarquistas, no “Nosso Sítio”, em São Paulo, tendo como base de discussão a situação do movimento anarquista no Brasil tendo presente as consequências da instauração da ditadura militar, em 1 de Abril de 1964. Em 1965 participa num Encontro Acrata no “Nosso Sítio”, em São Paulo. Em 1 de Maio de 1982 esteve presente com Jaime Cubero Ideal Peres, Fernando Neves, Esther Redes, Feliz Gil Herrera, António Martinez e outros companheiros, num Congresso Anarquista no “Nosso Sítio”, em São Paulo. Em 30 de Abril, 1 e 2 de Maio de 1986, participou num Encontro Pró-COB, na Rua Rubino de Oliveira, sede do Centro e Cultura Social, em São Paulo.

Nesse período histórico, as idas e vindas entre Rio de Janeiro e São Paulo permitiram que Edgar Rodrigues conhecesse uma plêiade de velhos anarco-sindicalistas que lhe permitiram constituir um acervo único de informações sobre a história do movimento social operário no Brasil que, posteriormente, divulgou em livros e artigos. É de enaltecer a ajuda e amizade demonstrada pelo militante anarquista Pedro Catallo residente em São Paulo. Esta amizade militante estendeu-se à realização de piqueniques na “Nossa Chácara” e no “Nosso Sítio”. Neste aspeto, Edgar Rodrigues foi muito solidário não somente em relação à compra da propriedade do “Nosso Sítio”, mas também a necessidades e funções de outro tipo. As relações com o Centro de Cultura Social de São Paulo foram uma constante na vida de Edgar Rodrigues. Por essa razão fez parte de um conjunto de militantes anarquistas que criou, informalmente, o grupo Projeção na década de 1980. Este grupo constituído por Ideal Peres, Jaime Cubero, Francisco Cubero, António Francisco Correia, Fernando Gonçalves da Silva, José Carlos Orsi Moreli, António Martinez, Feliz Gil Herrera, Nito Lemos Reis e Liberto Lemos **Reis** cria, em 21 de Agosto de 1986, o Círculo Alfa de Estudos Históricos, em São Paulo. Este Círculo de Estudos tinha por objetivo constituir-se como arquivo histórico do movimento anarquista brasileiro, devendo para o efeito estudar, organizar e difundir a informação contida em jornais, revistas, livros e documentos junto de todos os interessados. Durante anos Edgar Rodrigues doou uma parte significativa do seu espólio documental e ajudou, financeira e administrativamente, a manter de pé esse projeto. Com a entrada de novos membros e morte de alguns membros fundadores do grupo CAEH e o decréscimo das atividades no seu seio, criou-se uma situação insustentável de crise, dando origem a atropelos comportamentais inqualificáveis. A expulsão de Edgar Rodrigues, em 19 de Novembro de 2007, do Círculo Alfa de Estudos Históricos, revelou-se um marco histórico de falta de vergonha, de falta de caráter e de incapacidade de diálogo e de liberdade entre aqueles que se reclamam, ideologicamente, do anarquismo.

Na década de 70 do século XX, ocorreu um acontecimento histórico relevante que vai mudar muito a divulgação dos ideias e práticas do anarquismo de Edgar Rodrigues. Refiro-me, concretamente, à revolução portuguesa de 25 de Abril de 1974. Com o eclodir deste acontecimento, em certa medida, estavam desmoronadas as razões que estiveram na origem da sua condição-função de emigrante. Por outro lado, não estava mais sujeito às contingências da censura e das prisões da ditadura fascista. Evidentemente que voltar para Portugal já não tinha cabimento, tendo presente os alicerces familiares que constituído no Brasil: Ondina Santos (companheira), Oscar Zola (filho), Regina Correia Hespanhol (filha), Renata Correia (neta). Fabiana Correia (neta), Antônio Correia (neto), Ana Cristina Correia (neta). Em consonância com a perduração da ditadura militar e a margem de liberdade adquirida pela Revolução de 25 de Abril, a grande preocupação de Edgar Rodrigues volta-se para o país onde nasceu e viveu durante trinta anos.

 Em face desta conjuntura Edgar Rodrigues teve oportunidade de publicar em Portugal *ABC do Anarquismo*, em 1976 (24) e *Breve História do Pensamento e das Lutas Sociais em Portugal*, em 1977 (25). Tendo presente a agitação comunista de teor diversificado, com especial incidência para o PCP (Partido Comunista Português) e grupos esquerdistas de diferente teor, Edgar Rodrigues publica uma série de artigos, cujo alvo incidiu, basicamente, na denúncia da ditadura comunista de tipo soviético. Nesse sentido, desde 1974 publicou vários artigos nos jornais *Gazeta do Sul*, *Voz Anarquista*, Jornal de Almada e, posteriormente, em *A Batalha* e *A Ideia.*

 Edgar Rodrigues retornou, pela primeira vez, a Portugal, em 1978, quando tinha cinquenta e sete anos. Essa primeira visita, para além de servir para visitar os locais lugares simbólicos do movimento anarquista português, permitiu-lhe reconstituir os laços familiares e visitar amigos que não via há muito tempo. Por outro lado, a memória histórica e recordações de onde nasceu e viveu durante três décadas, permitiu-lhe restabelecer contatos com antigos militantes anarco-sindicalistas, ainda, vivos. Essas relações vão-lhe permitir aceder a um conjunto de informações nucleares que mais tarde dão lugar à edição da história do movimento libertário português. Trata-se uma obra com 4 volumes, abarcando um período histórico que vai de 1834 a 1911. Alguns críticos, com uma certa razão, apontam falhas e erros relativamente à origem das fontes. Esquecem-se é de que Edgar Rodrigues teve poucas ajudas dos militantes anarquistas portugueses na procura de documentos que se tinham perdido ou tinham sido queimados pela PIDE. Sem movimento social anarquista e com o Comité Confederal da CGT a não tornar partido prático, formal e ideológico das suas reuniões, torna-se difícil produzir história social de natureza libertária em Portugal. Até agora ninguém a fez, mas Edgar Rodrigues fê-lo com as suas possibilidades e capacidades (26).

Durante essa viajem, Edgar Rodrigues conseguiu tornear as dificuldades e distribuição da Editora Mundo Livre no Brasil, razão pela qual o livro *Deus Vermelho* tenha sido impresso no Porto. Este livro é um autêntico libelo contra o comunismo de tipo soviético (27). A partir dessa viajem, Edgar Rodrigues restabeleceu o contato com antigos militantes anarquistas que tinham integrado a CGT e participavam na dição do jornal *Voz Anarquista* sedeado em Almada, assim como com a revista *A Ideia*, dirigida por João Freire. Volta a Portugal em 1980, tendo desta vez, aproveitado a ocasião do lançamento do 1º volume da história do movimento libertário em Portugal, editado pela Editora Sementeira. Em 1986 volta novamente a Portugal, com o objetivo de doar parte do espólio do movimento social português e biografias de anarquistas ao Arquivo Histórico-Social da Biblioteca Nacional. Com livros de teor diferente, o mesmo foi feito em relação à Biblioteca Municipal de Matosinhos. Passados 2 anos, volta a Portugal em 1988 sempre no sentido de dar continuidade e fortalecer os laços ideológicos e de amizade que tinha conseguido estabelecer com novos e velhos militantes anarquistas. Não obstante, não poder estar presente, por se encontrar no Brasil, em 26 de Janeiro de 1996, foi inaugurada um Exposição Documental sobre Edgar Rodrigues, patrocinado pelo Município de Matosinhos. Esta exposição foi repetida em quatro locais distintos. sendo que a última realizada entre 13 e 18 de Setembro de 1996, em São Mamede de Infesta, já teve a presença física de Edgar Rodrigues e de Ondina Santos. No ano de 2000 ainda veio a Portugal tratar de assuntos editoriais. Com base no meu conhecimento pessoal, a última vez que Edgar Rodrigues esteve em Portugal reporta-se à inauguração do *Catálago da Exposição sobre a Vida e a Obra de Edgar Rodrigues*, organizado pela Associação Cultural A Vida. A referida exposição teve lugar em Lisboa no Museu República e Resistência entre 18 de Abril e 10 de Maio de 2002, na Livraria Ler Devagar entre 11 de Maio e 18 de Maio de 2002. No Porto ocorreu em 19 de Maio e 26 de Maio de 2002 no Centro de Cultura Social.

Estas idas e vindas entre o Brasil e Portugal iniciadas e desenvolvidas num clima de liberdade política e ideológica pela revolução de 25 de Abril de 1974 permitiu que Edgar Rodrigues otimizasse a sua colaboração com os jornais anarquistas portugueses, sendo de realçar a sua participação no *Jornal Voz Anarquista* e, em menor grau, nas revistas *A Ideia e Utopia* e no jornal *A Batalha.* Não sendo de modo algum publicações de cariz libertário, foi, no entanto, nessas que Edgar Rodrigues publicou a grande maioria dos seus artigos em Portugal. Destaque-se entre elas o jornal *Gazeta do Sul.* Refira-se também: *Barcelos Popular; Notícias de Penafiel; A Foz do Lima; A Vanguarda; Jornal da Marinha Grande; Jornal de Almada; Noticias de Penafiel; Nova Gazeta; Aurora do Lima; O Correio de Gaia; O Comércio de Gaia; Jornal de Matosinhos; Falcão do Minho; Flor do Tâmega; Notícias dos Arcos; Jornal de Notícias de Gaia; O Progresso da Foz; Nova Gazeta; A Voz de Gaia; Jornal da Província; O Correio do Minho; e Jornal da Província.*

Até ao fim da ditadura militar no Brasil, em 1985, verificou-se que a margem de liberdade de ação de Edgar Rodrigues se localizou, desde 1974, em Portugal. A propensão para publicar as suas obras no país onde nasceu revelava-se mais positiva, sobretudo tendo presente as questões de censura, edição e distribuição. Todavia. não se pode escamotear o fato da aculturação de Edgar estar centrada vivificada, desde 1951, no Brasil. Por um lado, a génese da sua família deu lugar a uma matriz vivencial baseada em laços sanguíneos e comunicacionais que tendem a perdurar no tempo. Por outro, a pesquisa sobre o movimento social libertário e operário brasileiro produzia um efeito militante e ideológico traduzido na publicação de livros e artigos. A assunção de vinculação cultural ao Brasil há muito que tempo que tinha sido consumada, razão pela qual Edgar Rodrigues tenha requerido a cidadania brasileira em 1965, tendo-lhe sido concedida em 1966.

Neste sentido, não admira que a preocupação de Edgar Rodrigues durante toda sua vida tenha sido pesquisar e organizar milhares de documentos, por forma transformá-los em livros e artigos. A sua preocupação não era atingir a cientificidade máxima, na medida em que não tinha a veleidade nem a preocupação formal e institucional que todos os cientistas ou académicos têm quando são avaliados pelos seus pares. O que lhe interessava e sempre interessou foi a pôr a nu a mentira da história oficial do capitalismo e do comunismo que procura denegrir os pressupostos emancipalistas do anarquismo e do movimento social operário. Interessava-lhe também disponibilizar todas as fontes e informações que todos os pesquisadores poderiam estudar e elaborar de forma mais profeciente. Desse modo, Edgar Rodrigues publica *Nacionalismo e Cultura Social,* em 1972 (28). Trata-se de um livro que continua a privilegiar a história do movimento social operário no Brasil, articulando-se com as suas organizações anarco-sindicalistas, no período de 1913 a 1922, e consequentemente, com os seus conflitos e contradições. Embora não se trate uma obra baseada nos mesmos pressupostos históricos e analíticos, em 1974, Edgar Rodrigues publica *Violência, Autoridade & Humanismo* (29). Para o autor trata-se de perceber os fenómenos perversos do Estado, das prisões e das escolas. Para combater esta realidade é necessário seguir os princípios e práticas do humanismo anarquista. Ainda na década 1970 outros livros vão ser publicados. Refira-se: *Conceito de Sociedade Global,* em 1974, (30)); *Trabalho e Conflito,*  em 1977, (31); *Novos Rumos* em 1978 (32). Sendo diferentes no seu conteúdo e já tendo um certo caráter repetitivo, o que sobressai em todas estas obras é uma enorme identidade ideológica com o anarco-sindicalismo e o anarquismo e uma necessidade intrínseca em criticar o Estado e o capital na sua expressão globalizada. Acresce uma novidade no livro *Novos Rumos*. Pela primeira vez Edgar Rodrigues reconhece que o anarco-sindicalismo, entre 1922 e 1046, está em declínio no Brasil e no resto do mundo. Evidentemente que a disputa entre anarquistas e comunistas no Brasil após a vitória dos bolcheviques, em 1917, na URSS, sempre foi um ponto crucial de análise para Edgar Rodrigues. No livro *Trabalho e Conflito*, Edgar Rodrigues faz uma análise exaustiva das greves que ocorreram entre 1906 e 1935 no Brasil, articulando-as com as condições de trabalho paupérrimas, os baixos salários e a inexistência de direitos sindicais e sociais.

Na década de 1980, para além daqueles editados em Portugal, Edgar Rodrigues publica: *Socialismo: uma Visão Alfabética*, em 1980; *Os Anarquistas – Trabalhadores Italianos no Brasil*, 1984, *Quem tem medo do anarquismo*?, em 1986 *ABC do Sindicalismo Revolucionário*, em 1987; *Os Libertários – Ideias e Experiências Anárquicas*, em 1987. No caso específico do livro *Socialismo: uma Visão Alfabétic*o (33) principal objetivo de Edgar Rodrigues é de revelar o caráter e a personalidade dos militantes anarquistas ao longo da história, realçando a natureza das suas biografias em vários países, desde meados do século XIX até à década de 1960. Não deixou, por outro lado, de contrastar e comparar as diferenças subsistentes entre o marxismo e o anarquismo, assim como entre o anarco-sindicalismo e os outros sindicalismos. Em relação ao livro *Os Anarquistas – Trabalhadores Italianos no Brasil* (34)é importante sublinhara originalidade da pesquisa que foi realizada junto da comunidade italiana que tinha emigrado para o Brasil desde finais do século XIX. Para Edgar Rodrigues esta comunidade foi importantíssima para gerar a ação revolucionária anarquista no Brasil através da imprensa, dos sindicatos, de greves e outras manifestações culturais, como foi o caso dos teatros, ateneus, escolas e bibliotecas. No que toca a uma obra mais ideológica, como é o caso, de *Quem tem medo do anarquismo?* (35) estamos perante a defesa afirmativa e positiva do anarquismo, nos seus múltiplos parâmetros, face aos seus detratores históricos, no plano ético, científico, social, político e cultural. O livro *ABC do Sindicalismo Revolucionário* (36) transporta-nos para uma visão do sindicalismo revolucionário identificado com os pressuposto ideológicos do anarco-sindicalismo, no concerne às modalidades autogestionárias e autonómicas organizacionais, como também à luta revolucionária desenvolvida contra o Estado e o capital. Nesse sentido, com base na comparabilidade possível em relação à natureza e ação sindicatos a nível mundial, constata-se que o sindicalismo revolucionário está em oposição a outras correntes sindicais, sejam elas reformistas, fascistas, cristãs, socialistas ou comunistas. No que concerne a obra *Os Libertários – Ideias e Experiências Anárquicas* (37) importa sobretudo realçar o aspeto didático que Edgar Rodrigues lhe dá, nomeadamente, à sua conceituação universal socorrendo-se dos autores mais emblemáticos e das experiências revolucionárias mais representativas. É evidente que o Brasil tem um papel importante na historicidade desse processo.

Quando entramos na década de 1990, Edgar Rodrigues liberta-se dos constrangimentos da gestão da sua empresa de construção civil. Esta função teve repercussões na sua margem de manobra, quer em relação à sua disponibilidade mental, psíquica e física, quer ainda para organizar, pesquisar e escrever um conjunto de livros que tinha em mente antes de morrer.

Por aquilo que acabo de demonstrar por experiência própria, é chegado o momento de referir que, já nesse momento, a ascensão sócio-economica de Edgar Rodrigues como empresário da construção civil permitiu-lhe usufruir de um enriquecimento relativo que se consumou na distribuição de riqueza pela família. Todavia, por conhecimento e informações fidedignas de pessoas que conheci, Edgar Rodrigues deu muito dinheiro a grupos organizações anarquistas, subsidiou publicações de jornais e revistas libertárias e, muitas das edições da sua autoria, foram amplamente custeadas por si. Diga-se de passagem que Edgar Rodrigues a partir da década de 90 do século vinte abdicou de qualquer intromissão na gestão técnica e financeira da empresa que lhe pertencia, tendo o seu filho Oscar Zola assumido essa função.

Como consequência desta nova realidade, na década de 1990, Edgar Rodrigues publicou os seguintes livros: *A Nova Aurora Libertária (1945-1948*), em 1992; *O Anarquismo na Escola, no Teatro, Poesia*, em 1992; *Entre Ditaduras (1948-1962),* em 1993; *O Ressurgir do Anarquismo (1962-1980)*, em 1993; *Os Libertários*, em 1993*; O Homem em busca de Terra Livre*, em 1993*; O Anarquismo no Banco dos Réus (1969-1972),* em 1993*; Diga não à Violência*, em 1995; *Sem Fronteiras*, em 1995; *Os Companheiros (5 volumes*), entre 1994-1998; *Pequena História da Imprensa Social no Brasil*, em 1997; *Notas e Comentários Histórico-Sociais*, em 1998; *Universo Acrata (2 volumes)*, em 1999; *Pequeno Dicionário das Ideias Libertárias*, em 1999.

Com base no livro *A Nova Aurora Libertária (1945-1948),* (38)procura reconstituir a história do movimento libertário no Brasilno período histórico que culminou com a fim da segunda guerra mundial, em 1945. Para esse efeito, num período curto da história do Brasil, analisa a imprensa libertária, organizações, grupos e militantes que mais contribuíram para o renascimento das ideias e práticas anarquistas, não esquecendo também de elaborar uma crítica radical aos malefícios provocados pela guerra, o Estado e o capitalismo. Quanto à obra relacionada com *O Anarquismo na Escola, no Teatro, na Poesia,* (39),Edgar Rodrigues fez uma pesquisa exaustiva do papel que a Escola Moderna baseada nos princípios de Francisco Ferrer teve na educação integral das famílias operárias e dos militantes anarco-sindicalistas. Esta opção pedagógica e cultural sempre foi um pressuposto de ação militante dos anarquistas no Brasil, daí que tenham criado e mantido grupos de teatros nas regiões mais industrializadas do país. A poesia, por outro lado, era também um meio comunicacional verbal oral crucial para difundir os ideais anarquistas junto das massas trabalhadoras brasileiras. Evidentemente que estas opções tinham surtido efeito nos princípios do século XX, depois da segunda guerra mundial havia que retomá-las. No livro *Entre Ditaduras (1948-1962*), (40), Edgar Rodrigues debruça-se, mais uma vez, sobre condições e oportunidades de desenvolvimento do anarquismo no Brasil, num período histórico em que não existia um sistema político ditatorial. Não descurou da critica aos sistemas políticos vigentes, referindo também a atualidade negativa das condições das massas trabalhadoras no Brasil. Posicionando-se já uma posição mais próxima da sua contemporaneidade, em 1993, Edgar Rodrigues escreve *O Ressurgir do Anarquismo (1962-1980)* (41). A experiência que teve em congressos e encontros anarquistas no Brasil, a leitura de vários jornais e panfletos, a crítica que faz à revolução cubana e ao regime soviético, os acontecimentos históricos revolucionários importantes, como foi o caso de Maio de 68 em França, permite-lhe resgatar a história do movimento anarquista do passado e potenciá-lo como uma grande hipótese histórica para o futuro.Na senda dos escritos que vinha realizando, o conteúdo do livro *Os libertários* (42)identifica-se sobremaneira com os requisitos de uma análise contundente sobre as biografias de quatro anarquistas que tiveram uma importância crucial na divulgação do ideal anarquista junto do movimento social operário brasileiro: José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco e Fábio Luz. Este livro, posteriormente, foi adaptado num documentário cinematográfico, tendo inclusive atingido uma certa repercussão na televisão brasileira. Ainda, em 1993, Edgar Rodrigues publica *O Homem em busca de Terra Livre* (43).Trata-se um livro em que o autor procura sistematizar a realidade negativa dos camponeses no Brasil, sublinhando a sua situação de escravidão e exploração por parte dos latifúndios e do Estado. A propaganda anarquista sendo embora difícil, deveria ser fomentada com o objetivo de criar ligas camponesas, por forma a que os camponeses tivessem acesso à propriedade agrícola e, desse modo, pudessem desfrutá-la de forma livre e autogestionária. O livro  *O Anarquismo no Banco dos Réus* (44),como já analisamos, incide na história do C.E.P.J.O., na prisão e julgamento dos seus membros. *Diga não à Violência* (45) personifica um tipo de abordagem reportado quase em exclusivo aos vários fenómenos de violência, exercida basicamente pelo Estado e pelo capitalismo, mas também pela guerra, prisões, economia, religião, pelas relações entre homem e mulher, em todos os países do mundo. Este livro é produto de uma reprodução de vários artigos publicados na época em vários jornais, na sua grande maioria em Portugal e alguns em outros países. Na mesma senda de internacionalizar os fenómenos, sociais, políticos e culturais, em 1995, Edgar Rodrigues publica o livro *Sem Fronteiras* (46)*.* Neste livro o autor procura resgatar as lutas do movimento social operário que estão identificadas com a sua emancipação social. Para que esses objetivos tenham viabilidade história todas as fronteiras devem ser abolidas, sobretudo aquelas inscritas na defesa das pátrias configuradas no Estado-Nação.Refira-se que este tipo de análise foi consubstanciado na reprodução de artigos escritos em jornais portugueses (a grande maioria), brasileiros, espanhóis e outras nacionalidades.Entre 1994 e 1998 publica *Os Companheiros (5 volumes*).(47). É um trabalho exaustivo de resgate com pequenas biografias de companheiros anarquistas brasileiros, italianos, espanhóis, portugueses e de outros países, na sua grande maioria, anónimos.Sem exceção, todos eles, lutaram pela emancipação social do movimento operário no Brasil. No caso específico da *Pequena História da Imprensa Social no Brasil* (48),Edgar Rodrigues elaborou de uma forma sistemática e exaustiva a imprensa que esteve, historicamente, diretamente ligada ao movimento social operário, na sua grande maioria, ligada aos princípios e práticas libertárias. Em 1998, Edgar Rodrigues publica *Notas e Comentários Histórico-Sociais* (49), incidindo a sua análise histórica no sentido de uma crítica radical do marxismo e da sua tradução empírica baseada na experiência do comunismo soviético. A historicidade organizativa e ideológica desse processo histórico tem origem nos diferendos entre posturas autoritárias (Marx) e anti-autoritárias (Bakounine), aquando da criação da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), em 1864. Com a publicação do *Universo Acrata (2 volumes*), (50), *em 1998,* Edgar Rodrigues pretendeu dar uma dimensão mundial da visibilidade histórica e social do anarquismo, não obstante o continente africano, países árabes e alguns asiáticos não tenham sido objeto de análise. É uma história que não só especifica os movimentos sociais libertários mais importantes nos países analisados, mas também nos esclarece sobre os militantes anarquistas que neles atuaram, das suas organizações e imprensa. Tenha-se em linha de conta que só Max Nettlau redigiu, entre 1925 e 1931, um trabalho de pesquisa semelhante. Edgar Rodrigues, com as suas capacidades e possibilidades, limitou-se, tão-só, a dar a este livro uma visibilidade social contemporânea ao anarquismo. Finalmente, na década de 1990, Edgar Rodrigues publicou *Pequeno Dicionário das Ideias Libertárias* (51).Esta obra foi escrita no sentido de propiciar uma leitura e divulgação do anarquismo junto do grande público, que ignora seis feitos históricos. São feitas resenhas sintéticas de A a Z de autores e militantes anarquistas, acontecimentos históricos, organizações anarquistas, significados de palavras com teor anarquista, teatro, educação, etc.

Com a entrada num novo milénio, em 1 de Janeiro de 2000, Edgar Rodrigues tem setenta e oito anos, dois meses e doze dias. Embora já se encontrasse muito debilitado fisicamente em relação à sua visão, isso não o impediu de continuar na senda da pesquisa e divulgação do anarquismo. Tinha uma preocupação que o acompanhava permanentemente ao fim da sua vida: escrever uma série de livros que tinha programado já algum tempo com base numa série de documentos que tinha guardo no seu arquivo pessoal e, por outro, doar grande parte da sua biblioteca a organizações e pessoas do Brasil e de Portugal. Essa predisposição e preocupação era bem patente nos seus últimos livros, razão pela qual tivesse sempre uma explicação à espera de interessados para editar os livros que tinha em mente e já estavam elaborados: 1) *Militantes Libertários;* 2) *Antologia Anarquista*; 3) *Caminhando pelo Anarco-Sindicalismo em Portuga*l; 4) *Anarquia- Uma Visão Histórica do Movimento Libertário Português*; 5) *Correspondência e Escritos Seletos.*

Assim, até â sua morte em 14 de Maio de 2009, Edgar Rodrigues publicou os seguintes livros: *Anarquismo à Moda Antiga*, em 2001; *O Homem e a Terra no Brasil*, em 2001; *O Porto Rebelde*, em 2001; *Três Depoimentos Libertários* (em colaboração com Jaime Cubero e Diego Giménez Moreno), em 2002*,; Against All Tyranny – Essays on Anarchism in Brazil*, em 2003; *Rebeldias* (4 volumes), entre 2003 e 2007, *Um Século de História Político-Social em Documentos (*2 volumes), em 2005 e 2007; *Lembranças Incompletas*, em 2007; *Mulheres &Anarquia*, em 2007.

No caso do *Anarquismo à Moda Antiga* (52) depreende-se que a intenção de Edgar Rodrigues rege-se pela defesa manifesta da ligação do anarquismo ao movimento social operário na sua versão anarco-sindicalista. Aliás, essa opção e ensinamentos são bem visíveis na plasticidade social desse movimento no princípio do século XX no Brasil (COB), Portugal (CGT), Espanha (CNT), França (CGT) e Argentina (FORA). Por outro lado, as regras de convivência e de solidariedade entre anarquistas eram bastante identitárias, fortalecendo um diálogo fraterno e profícuo entre as várias sensibilidades. Em relação ao livro *O Homem e a Terra no Brasil* (53), Edgar Rodrigues presta“homenagem póstuma ao camponês russo Elias Iltchenco e aos familiares e companheiros libertários que se fixaram em terras de Erebango - Rio Grande do Sul - e a maioria ali morreu trabalhando na agricultura”. É sem dúvida uma manifestação de solidariedade para com todos os camponeses que viveram uma situação de escravidão nos seus países, como foi o no caso da Rússia soviética, depois de expulsos foram constrangidos a trabalhar no Brasil em condições paupérrimas: condições de trabalho, salários de miséria, inexistência de direitos sindicais e sociais. Em 1951 colabora num depoimento, com Jaime Cubero e Diego Giménez, no livro *Depoimentos Libertários* (54), discernindo sobre obra sua vida e obra m Portugal e no Brasil. Em 2002, publica na Inglaterra *Against All Tyranny – Essays on Anarchism in Brazil (55),* sublinhando o caráter anarquista das lutas contra as ditaduras que tinham sido implantadas no século XX no Brasil. Entre 2003 e 2007, são publicados 4 volumes do livro *Rebeldias* (56). Edgar Rodrigues recorre à reprodução de documentos históricos de sua autoria publicados em jornais e revistas, na sua grande maioria em Portugal, mas também no Brasil, Espanha e outros países. Diga-se, em abono da verdade, que muitos desses artigos não se enquadravam numa perspetiva ideológica libertária. Entre 2005 e 2007, publica 2 volumes do livro *Um Século de História Político-Social em Documentos* (57). Edgar Rodrigues, mais uma vez, socorre-se de documentos históricos que tinha guardado no seu arquivo, só que a autoria dos mesmos não estava baseada na sua autoria, mas em acontecimentos históricos protagonizados por militantes, grupos e organizações anarquistas: imprensa, sindicatos, teatro, escolas, bibliotecas, congressos, encontros, conferências. Em 2007, Edgar Rodrigues publica *Lembranças Incompletas* (58). É, sem dúvida, um livro bastante exaustivo da sua vida em Portugal e no Brasil. Muitos acontecimentos históricos pelo qual passou e pessoas que conheceu foram escrutinados pela sua memória e inteligibilidade. Devo referir, no entanto, que Edgar Rodrigues em relação a certas pessoas não tinha necessidade alguma em utilizar a delação, mesmo que indiretamente. Que eu tenha conhecimento, o último livro publicado por Edgar Rodrigues, em vida, foi *Mulheres & Anarquia* (59). Este livro tem por base a defesa da emancipação social da mulher no quadro de uma luta contra os malefícios do Estado, da religião e do capitalismo. Dessa realidade emerge uma perspetiva anarquista difusa, com predominância para uma visão clássica do anarco-sindicalismo. Para a consecução desse desiderato, escolheu depoimentos de uma série de mulheres libertárias brasileiras e homens libertários brasileiros, com exceção de Ricardo Flores Magón.

Ao longo deste texto não enunciei alguns livros que, entretanto, foram publicados. É chegado o momento de os especificar: *O Retrato da Ditadura Portuguesa* (60); *Portugal Hoy* (61); *Portogallo D’Oggi Di Salazar* (62); *Lavoratori Italiani in Brasile* (63). Os três primeiros livros são uma continuidade da denúncia da ditadura fascista de Salazar, na década de 1960. O último é uma tradução italiana do livro que tinha sido publicado na década de 80 no Brasil. Por outro lado, existe um objetivo claro em alargar, geograficamente, a denuncia do regime de Salazar, e por outro, enaltecer o papel da emigração italiana na divulgação do anarquismo no Brasil.

A produção teórica de Edgar Rodrigues consubstanciou-se em 48 livros (não contando que alguns desses livros deram origem a mais 9 volumes) publicados na sua grande maioria no Brasil, Portugal, Venezuela e Itália. Todavia, não podemos menosprezar 1755 artigos (64) que foram publicados durante a sua vida em 12 países. Em primeiro lugar porque, através da imprensa nacional, local e regional, a difusão do anarquismo foi feita com maior eficiência. Em segundo lugar, porque esses artigos serviram, em certa medida, para compilar a história social do movimento operário no Brasil e em Portugal. Não voltando a citar a imprensa portuguesa em que Edgar Rodrigues colaborou, observe-se, agora, os países, jornais e revistas em que publicou os seus textos desde 1952, quando tinha trinta e um anos, até à sua morte: *Ação Direta* (Brasil); *Verve* (Brasil); *Letralivre* (Brasil) *Solidaridad Gastronómica* (Cuba); *El Sol* (Costa Rica); *El Libertário* (Cuba); *Solidaridad Obrera* (França); *CNT* (Toulouse-França); *L’Adunata Dei Refrattari* (América do Norte); *Tierra y Libertad* (México); *O Malhete* (Brasil); *A Coluna* (Brasil); *Reconstruir* (Argentina); *O Semanário* (Brasil); *O Lusitano* (Brasil); *Noticias do Brasil* (Brasil); revista *Domingo* (Jornal do Brasil); *Mesa Redonda* (Brasil); *Portugal Democrático* (Brasil); Ruta (Venezuela); *A Gazeta do Brasil* (Brasil); A *Luta* (Brasil); *O Mundo Português* (Brasil); *O Libertário* (Brasil); *Voluntad* (Uruguai); Le *Combat Syndicaliste* (França); *Espoir* (França);Cenit (França); *Gazetilla Austral* (Uruguai); *Boletim de Imprensa Libertária* (América do Norte); *Umanitá Nova* (Itália); *Anarchia* (Itália); *O Inimigo do Rei* (Brasil); *Leia Livros* (Brasil); *El Campesino* (México); *Revista Cultura Libertária* (Espanha); Tierra y Libertad (Espanha); Revista Leitura (Brasil); *Le Monde Libertaire* (França); *L’Internazonale* (Itália); *Cultura Libertária* (Espanha); *Guangara Libertaria* (América do Norte); Diário da Manhã (Brasil); *Orto* (Espanha); *Boletin de la Escuela Paideia* (Espanha); *El Libertario* (Venezuela).

Para finalizar esta pequena biografia de Edgar Rodrigues, é necessário prestar homenagem à sua companheira de sempre, na medida em que Ondina dos Anjos da Costa Santos foi incansável em todos os atos de solidariedade, amizade e amor que permitiram a Edgar Rodrigues ser aquilo que foi. Ondina dos Anjos da Costa Santos morreu em 3 de Janeiro de 2014.

1. **Considerações Finais**

Estou extremamente consciente das limitações que tive para redigir uma pequena biografia sobre a vida e a obra de Edgar Rodrigues. Na verdade é, extraordinariamente, difícil estudar, de forma atempada e adequada, as centenas de artigos e dezenas de livros que Edgar Rodrigues escreveu. Por outro lado, é necessário ter presente os contornos militantes de Edgar Rodrigues em relação ao anarquismo em Portugal e no Brasil. Se\ bem que pessoalmente tenha vivido algumas facetas desse militantismo, há outros que não presenciei, razão pela qual só com base na memória histórica verbal oral e verbal escrita foi-me possível construir o meu discurso narrativo. Outros aspetos, como foi o caso, da sua inserção no mundo da gestão empresarial da construção civil, para mim tornou-se uma tarefa fácil de analisar.

Posto isto, podemos extrair três grandes dimensões analíticas em relação à biografia de Edgar Rodrigues. Em primeiro lugar, como militante anarquista, o comportamento de Edgar Rodrigues foi intrinsecamente anti-patriota, Essa postura é bastante acentuada nos seus livros e artigos quando critica, radicalmente, o Estado e o capitalismo em termos globais, sugerindo, como solução a abolição de todas as fronteiras económicas, sociais, políticas e culturais. Aliás, a respeito dos defensores do patriotismo, Edgar Rodrigues, informalmente, queixava-se amarguradamente de alguns anarquistas brasileiros que tinham uma postura comportamental identificada com a defesa da pátria brasileira. Como forma de gozo e ironia chegaram a chamar-lhe escritor “lusitano”.

Em segundo lugar, é necessário enaltecer o trabalho de pesquisa gigantesco que foi realizado no domínio da historiografia do movimento social operário e do movimento anarquista. Este aspeto é bastante mais relevante no Brasil de em Portugal. Importa referir que tos os seus livros e artigos que estão articulados com estes pressupostos tem uma dupla validade heurística. Em termos meramente científicos há que ter em linha de conta a sua originalidade, na medida em que pela vez na história esses fatos e acontecimentos históricos foram divulgados junto de milhares de leitores nas bibliotecas e livrarias. Muitas pesquisas posteriores de autores que trabalham nas universidades e em centos de investigação socorrem-se dos estudos realizados por Edgar Rodrigues. É evidente também que vários livros de Edgar Rodrigues não foram sistematizados e aprofundados como desejava. Perante esta situação, o que se pede aos universitários e investigadores pesquisem o manancial de informação em estado bruto e inacabado que Edgar Rodrigues nos legou.

Finalmente, como homem, revejo-me profundamente no caráter e na personalidade de Edgar Rodrigues. Era um homem honestíssimo, íntegro e extremamente solidário para com todo o ser humano. Por vezes cometeu algumas injustiças em relação a certos companheiros anarquistas. Todavia, com conhecimento próprio dessas injustiças, isso ocorreu porque foi mal informado e objeto de intrigas por parte de pessoas que se reivindicavam do anarquismo. No fundo, a sua postura comportamental era atravessada por um tipo de humanismo mesclado pela amizade e a solidariedade. A plasticidade social destes pressupostos comportamentais eram visíveis na sua família, mas também com os anarquistas e outras pessoas que não defendiam essa ideologia.

**\*\*** Este artigo, assim como o que foi publicado na revista Verve, nº 24, 2013, sobre “Roberto das Neves: um cidadão do Mundo”, é resultado da minha participação no Projeto MOSCA – Movimento Social Crítico e Alternativo – Memórias e Referências. **Este** projeto de investigação e desenvolvimento tecnológico foi financiado pela FCT.

\*\*Investigador/Professor do SOCIUS/ISEG-UL

**Referências Bibliográficas**

Portela Luís & Rodrigues, Edgar (1957) *Na Inquisição do Salazar*, Rio de Janeiro, Editora Germinal, pp. 51-52.

Portela Luís & Rodrigues, Edgar (1957) *Na Inquisição do Salazar*, Rio de Janeiro, Editora Germinal, pp. 208-209.

Rodrigues, Edgar (2007), *Lembranças Incompletas*, Guarujá-São Paulo, Editora Opúsculo Libertário, pp. 24-25.

Rodrigues, Edgar (2007), *Lembranças Incompletas*, Guarujá-São Paulo, Editora Opúsculo Libertário, pp. 25-26.

Entrevista de Edgar Rodrigues a José Maria Carvalho Ferreira em 12 de Março de 2007, Rio de Janeiro, p. 1.

Entrevista de Edgar Rodrigues a José Maria Carvalho Ferreira em 12 de Março de 2007, Rio de Janeiro, p. 1.

Entrevista de Edgar Rodrigues a José Maria Carvalho Ferreira em 12 de Março de 2007, Rio de Janeiro, p. 1.

Entrevista de Edgar Rodrigues a José Maria Carvalho Ferreira em 12 de Março de 2007, Rio de Janeiro, p. 2

Portela Luís & Rodrigues, Edgar (1957) *Na Inquisição do Salazar*, Rio de Janeiro, Editora Germinal, pp. 51-52.

Rodrigues, Edgar & Neves, Roberto (1958), *A fome em Portugal*, Rio de Janeiro, Editora Germinal.

Rodrigues, Edgar(1993(, *Os anarquistas no banco dos réus*, Rio de Janeiro, VJR-Editores Associados, p. 29.

Rodrigues, Edgar(1993(, *Os anarquistas no banco dos réus*, Rio de Janeiro, VJR-Editores Associados, p. 33.

Rodrigues, Edgar(1993(, *Os anarquistas no banco dos réus*, Rio de Janeiro, VJR-Editores Associados, p. 35.

Rodrigues, Edgar(s/d), Rodrigues, Edgar & Cubero, Jaime & Moreno, Diego Giménez, *Três depoimentos libertários*, Rio de Janeiro, Achiamé, pp. 45-66.

Rodrigues, Edgar(1993(, *Os anarquistas no banco dos réus*, Rio de Janeiro, VJR-Editores Associados, p. 52-84.

Rodrigues, Edgar (2007), *Lembranças Incompletas*, Guarujá-São Paulo, Editora Opúsculo Libertário, p. 60.

Rodrigues, Edgar(1969), *Socialismo e Sindicalismo no Brasil*, Rio de Janeiro, Editora Laemmert.

Rodrigues, Edgar(1969), *Socialismo e Sindicalismo no Brasil*, Rio de Janeiro, Editora Laemmert, pp. 20-21.

1. ( 19) Rodrigues, Edgar (1979), *Alvorada Operária*, Rio de Janeiro, Edições Mundo Livre.
2. Rodrigues, Edgar (2003), *Socialismo-síntese das origens e doutrinas*, Rio de Janeiro, Editora Porta Aberta, p.49. (1ª edição (1969), Rio de Janeiro, Editora Laemmert).
3. Rodrigues, Edgar (2003), *Socialismo-síntese das origens e doutrinas*, Rio de Janeiro, Editora Porta Aberta, p. 51.
4. Rodrigues, Edgar (1974), *Violência, autoridade & humanismo*, Rio de Janeiro, Edição do Autor.

Rodrigues, Edgar (2007), *Lembranças Incompletas*, Guarujá-São Paulo, Editora Opúsculo Libertário, p. 89.

Rodrigues, Edgar(1976) *ABC do Anarquismo. Lisboa,* Assírio & Alvim.

Rodrigues, Edgar(1976) *Breve História do Pensamento e das Lutas Sociais em Portugal*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Rodrigues, Edgar (1980*), O Despertar Operário em Portugal (1834-1911),* (1º volume), Lisboa, Editora Sementeira; Rodrigues, Edgar (1981), *Os Anarquistas e o Despertar dos Sindicatos (1911-1922),* (2º volume), Lisboa, Editora Sementeira; Rodrigues, Edgar (1981), *A Resistência Anarco-Sindicalista à Ditadura em Portugal (1922-1039)* (3º volume), Lisboa, Editora Sementeira; Rodrigues, Edgar (1981), *A Oposição Libertária em Portugal (1939-1974)* (4º volume), Lisboa, Editora Sementeira;

Rodrigues, Edgar (1978), *O Deus Vermelho*, Porto, Editora Mundo Livre.

Rodrigues, Edgar (172); *Nacionalismo e Cultura Social*, Rio de Janeiro, Editora Laemmert.

Rodrigues, Edgar (1974), *Violência, Autoridade & Humanismo*, Rio de Janeiro, Editora Mundo Livre.

Rodrigues, Edgar (1974), *Conceito de Sociedade Global*, Rio de Janeiro, Edição de Manuel Matos e Edgar Rodrigues.

Rodrigues, Edgar (1977), *Trabalho e Conflito,* Rio de Janeiro, Edição de Manuel Matos, Edgar Rodrigues, Fernando Neves, Manuel Ramos e Victoria Ramos.

Rodrigues, Edgar (1978), *Novos Rumos,* Rio de Janeiro, Mundo Livre.

Rodrigues, Edgar (1980), *Socialismo: uma visão alfabética*, Rio de Janeiro, Editora Porta Aberta.

Rodrigues Edgar (1984), *Os Anarquistas – Trabalhadores Italianos no Brasil,* Rio de Janeiro, Global Editora.

Rodrigues, Edgar (1986), *Quem tem medo do anarquismo?,* Rio de Janeiro, Achiamé.

Rodrigues, Edgar (1987), *ABC do Sindicalismo Revolucionário,* Rio de Janeiro, Achiamé.

Rodrigues, Edgar (1987), *Os libertários - ideias e experiências anárquicas*, Petrópolis, Editora Vozes.

Rodrigues, Edgar (1992), *A Nova Aurora Libertária (1945-1948*)*,* Rio de Janeiro, Achiamé.

Rodrigues, Edgar (1992), *O Anarquismo na Escola, no Teatro, Poesia,* Rio de Janeiro, Achiamé.

Rodrigues, Edgar (1993), *Entre Ditaduras (1948-1962),* Rio de Janeiro, Achiamé.

Rodrigues, Edgar (1993), *O Ressurgir do anarquismo (1962-1980),* Rio de Janeiro, Achiamé.

Rodrigues, Edgar (1993)*, Os Libertários,* Rio de Janeiro, VRJ-Editores Associados.

Rodrigues, Edgar (1993)*, O Homem em busca de Terra Livre,* Rio de Janeiro, VRJ-Editores Associados.

Rodrigues*,* Edgar *(1995), O Anarquismo no Banco dos Réus (1969-1972),* Rio de Janeiro, VRJ-Editores Associados.

Rodrigues*,* Edgar *(1995) Diga Não à Violência,* Rio de Janeiro, VRJ-Editores Associados.

Rodrigues*,* Edgar *(1995), Sem Fronteiras,* Rio de Janeiro, VRJ-Editores Associados

Rodrigues*,* Edgar *(1995), Os Companheiros (5 volumes*), Florianópolis, *Editora Insular.*

Rodrigues*,* Edgar *(1995), Pequena História da Imprensa Social no Brasil*, Florianópolis, Editora Insular*.*

Rodrigues, Edgar (1998), *Notas e Comentários Histórico-Sociais*, Rio de Janeiro, CC&P Editores.

 Rodrigues, Edgar (1999), *Universo Acrata (2 volumes)*, Florianópolis, *Editora Insular.*

Rodrigues, Edgar (1998), *Pequeno Dicionário das Ideias Libertárias*, Rio de Janeiro, CC&P Editores.

Rodrigues, Edgar (1998), *Anarquismo à Moda Antiga,* Rio de Janeiro, Achiamé.

Rodrigues, Edgar (1998), *O Homem e a Terra no Brasil*,Rio de Janeiro, CC&P Editores.

Rodrigues, Edgar & Cubero, Jaime & Moreno, Diego Giménez (2002), *Depoimentos Libertários*, Rio de Janeiro, Achiamé.

 Rodrigues, Edgar ( 2003), *Against All Tyranny – Essays on Anarchism in Brazil*, Londres, Kate Sharpley Library.

Rodrigues, Edgar (2003), *Rebeldias* (volume 1), Rio de Janeiro, Achiamé;

Rodrigues, Edgar (2004), *Rebeldias* (volume 2), Guarujá-São Paulo, Ed.Opúsculo Libertário¸Rodrigues, Edgar (2004), *Rebeldias* (volume 3), Guarujá-São Paulo, Ed.Opúsculo Libertário; Rodrigues, Edgar (2007),Rebeldias (volume 1), Rio de Janeiro, Achiamé.

Rodrigues, Edgar (2005-2007), *Um Século de História Político-Social em Documentos* (2 volumes), Rio de Janeiro, Achiamé.

Rodrigues, Edgar (2007), *Lembranças Incompletas*, Guarujá-São Paulo, Editora Opúsculo Libertário.

Rodrigues, Edgar (2007), *Mulheres & Anarquia*, Rio de Janeiro, Achiamé.

Rodrigues, Edgar (1962), *O Retrato da Ditadura Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Mundo Livre.

 Rodrigues, Edgar ( 1963), *Portugal Hoy*, Caracas, Juventudes Libertárias Espanholas no Exilio.

 Rodrigues, Edgar (1963-1964), *Portogallo D’Oggi Di Salazar*, Milano, Editora Anarchia

Rodrigues, Edgar (1985), *Lavoratori Italiani in Brasile,* Galzerano Editore, Itália.

Rodrigues, Edgar (2007), *Lembranças Incompletas*, Guarujá-São Paulo, Editora Opúsculo Libertário, p. 527.